

REVISTA= DO ENSINO

— ORGAN OFFICIAL —
DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO



ESCOLA NORMAL MODELO — BELLO HORIZONTE

BELLO HORIZONTE
MINAS GERAES

SUMMARIO

Os grandes nomes da Pedagogia; Jean Jacques Rousseau. — *Aurea Queiroga*: Uma lição de geographia. — *Guerino Casassanta*: Educação — obra de amor. — *Eduardo Frlheiro*: O problema dos grandes entre os pequenos — *Zelia C. Rabello*: Os tests psychologicos. — Como os alumnos podem organizar uma sapataria de brinquedo. — *Edesia C. Rabello*: Não se deve matar a iniciativa da oriança. — A escola moderna e o método de Winnetka. — *Prof. Aurelio Pires*: Mestres de outrora — Leonidas Damasio. — *Benvinda de Carvalho*: O Brasil — Recursos naturais. — Economia nacional. — *Luis Delfino*: A cidade da Luz. — *L. M.*: Modo pratico e facil de ensinar hygiens. — *Emilia Truran*: Aula de geometria. — Através duma palestra com os alumnos. — Orthographia brasileira. — *Elvira Brandão*: Lição de leitura — *Maria Rita Burner*: Lição de lingua patria. — Como proteger as crianças fracas? — O que é estudar. — Noções de educação physica. — *Branca de Carvalho Vasconcellos*: O canto nas escolas. — *Helena Junqueira Loureiro*: Lenda das amazonas. — *Folk*: A justa do tamandua com a onça. — *Catharina Silveira*: As lições de geographia pelo processo de dramatização.

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO II

Bello Horizonte, Maio de 1926

NUM. 14

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

JEAN JACQUES ROUSSEAU

FILHO de um relojoeiro, nasceu Rousseau em Genebra, em 1712.

Deveu a sua primeira educação a um pastor protestante. Mais tarde, sob a influencia de Mm. de Warens, fez-se catholico. Na realidade, porém, não passava de um deista livre-pensador.

Iniciou a educação de moços em Lyon, revelando completa incapacidade para isso. Em 1741, estabeleceu-se em Paris. Começou ali a sua ligação com os philosophos incredulos — Voltaire, D'Alembert e Diderot.

Escreveu diversas obras que lhe deram de prompto grande renome, assim o «Contracto Social», «A nova Heloisa», «Emilio», etc.

Engetou os proprios filhos, o que não impediu que clamasse, no Emilio: Quem não cumpre os deveres de pai, não tem o direito de ser paes.

Amante do calemburgo, delle escreveu Victor Hugo: *Therese les enfantait et Jean Jacques les enfantouait.*

Passou uma vida errante. Atacado de verdadeira misanthropia, viveu retirado nos seus ultimos annos, morrendo subitamente, talvez pelo suicidio.

A obra de Rousseau que aqui nos interessa, está consubstanciada no seu «Emilio», romance pedagogico, em que expõe os seus principios e métodos de educação.

O principio fundamental de Rousseau, como philosopho e como pedagogo, é que o homem nasce perfeito das mãos do Creador, mas a sociedade o corrompe e deprava.

Havia a Academia de Dijon proposto um premio a quem melhor estudas e resolvesse esta questão: O progresso das sciencias e das artes tem contribuido para purificar ou para corromper os homens? — Rousseau respondeu negativamente e obteve o premio.

«Jamais, disse Voltaire, despendeu um homem tanto espirito para fazernos bestas. Lendo esse livro, tem-se a vontade de andar de quatro pés».

Resultam desse principio fundamental, duas normas educativas essenciaes:

1.ª Deve a criança desenvolver-se livremente, por sua propria natureza.

2.ª Nenhuma influencia exterior deve intervir nella evolução livre da criança.

Toda influencia social é corruptora, e, por isso, logicamente, é a tarefa do educador — meramente negativa, limitando-se a afastar e evitar qualquer intervenção externa. O educador não deve actuar sob o seu discipulo, senão no quanto for exigido pelo desenvolvimento natural deste. Jamais deve o educador fornecer conhecimentos positivos, resultados já promptos, ao educando.

Jamais deve o alumno submeter a sua vontade á do mestre. Do seu dicionario devem eliminar-se as palavras *dever* e *obrigação*, e accentuar-se as palavras *força*, *necessidade*, *coacção*.

Aos desejos injustificados e aos caprichos da criança, só se devem oppor obstaculos physicos e castigos. O «Emilio» só aprende por sua propria experiencia.

A natureza e a experiencia: eis os unicos mestres. Nada de palavras, preleções, livros.

Aos 12 annos, não deve Emilio saber o que seja um livro.

Apenas se lhe vão orientando as impressões sensoriaes, fonte de todo conhecimento. Elle mede, pesa, conta, compára.

O verdadeiro livro é o mundo, o verdadeiro ensino, a realidade.

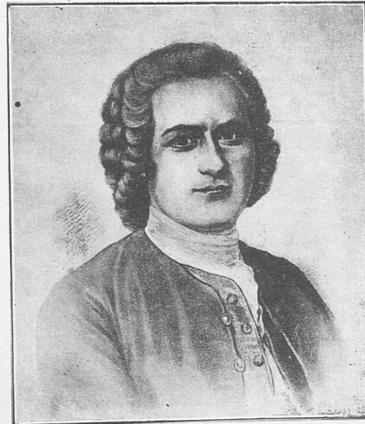
Emilio não deve aprender, mas descobrir a sciencia.

No lugar da ancioridade ponha-se a razão.

Emilio percorre officinas e fabricas, tudo vendo e observando, em todas as profissões. Em uma hora de trabalho aprenderá mais que em loz dias de explicações.

Deve-se deitar a criança brincar, correr e saltar a vontade.

Deve-se acostumar a ás inclinações do tempo, á fome e á sede.



No ponto de vista religioso, nada se deve fornecer á creança até aos 18 annos. Só então se lhe deve despertar a attenção para esse lado, limitando-se apenas a uma vaga religião natural.

A influencia das idéas de Rousseau, foi immensa, tanto pelo "Contracto social" como pelo "Emílio". O primeiro foi o Evangelho da revolução; o segundo inspirou a pedagogia moderna, de tão princípios não se conservando illosos Pestalozzi, Froebel e outros.

Em um e outro terreno, demonstrou a experiencia historica quanto foram nefastas as idéas de Rousseau, um dos mais completos e perigosos sophistas que se conhecem.

O principio fundamental de Rousseau é escrever. O resto não podia deixar de se escrever. Esse methodo educativo, contradictorio é absurdo e inexecuvel.

Nada se ensina á creança, e pode-se castigar-a physicamente!

Toda a cultura christá é pecca á margem. A autoridade e a fé deixam de existir. A creança desenvolve-se sobre a base das suas necessidades physicas, em uma atmosphera de egoismo.

Em lugar de mestre, surge o capataz. Este nada ensina á creança; dá-lhe em cima com pancadas, quando ella excede dos limites que, não se sabe com que authoridade ou em virtude de que principios, lhe foram fixados por o surto do corpo e do espirito.

Em virtude de que principios, sim; porque, si a sociedade deprava e corrompe o homem, não se comprehende como possa um representante ou simples membro della vir a impor determinada orientação educativa.

E' uma contradicção que a creança seja perfeita por natureza e que haja necessidade de castigal-a para não fazer o mal.

E' uma contradicção que os individuos sejam perfeitos por natureza e depravados pela sociedade, que é a somma delles. Quem corrompeu o primeiro homem, a primeira creança?

E' uma contradicção com o seu systema o que de si mesmo conta Rousseau, na suas "Confissões", isto é, na sua autobiographia. Confessa elle que, quando moço, apesar de todos os bons exemplos de que vivia rodeado, commetteu graves faltas.

Era, portanto, inclinado ao mal por natureza. E' uma contradicção querer o desenvolvimento natural, espontaneo da creança e dar-lhe um educador que a recebe ao sair do berço e a acompanha até os 24 annos de idade, depois de estar casado o educando.

Rousseau não foi um educador, ou mesmo um professor. Aliás não estava elle longe de considerar inexecuvel a sua pedagogia, pois á nicanete chegou a confessal-o, dizendo: "Je ne mettrai point la main á autre mais á la plume."

Deitar a mão á penna para escrever sobre educação, inventando um systema cuja raiz é o absurdo e cujas ramagens são os sophismas, era facil; realizal-o e colher os seus fructos, era outra tarefa.

Algum beneficio, entretanto presta o livro de Rousseau. Deu Corrigit os excessos do ensino meramente intellectivo. Chamou mais importancia á observação directa da natureza. Deu attenção para a educação physica. Os pedagogos que a elle se seguiram, não descuraram desses pontos.

Mesmo desembarçado dos seus excessos, seria inexecuvel o systema educativo de Rousseau. Por esse methodo, disse Mme. de Staël, um homem gastaria sua vida para ensinar outro.

MARES E CONTINENTES

UMA LIÇÃO DE GEOGRAPHIA

Sob a fórma de palestra entre alumnos do 3.º anno

AUREA QUEIROGA

ESTHER—Qual de vocês é capaz de dizer-me o que é a Geographia?

Ruth—Geographia é a sciencia que trata da descripção da terra.

Zuleika—A terra é uma bola ou esphera que gira em redor do sol, do qual recebe luz e calor.

João Claudio—Mas, Zuleika, você não disse que a terra é ligeiramente achatada nos polos...

Stella—Você é muito exigente, João Claudio... A nossa palestra não é assim tão scientifica...

Esther—A superficie do globo terrestre compõe-se de terras e mares.

Ondina—A terra divide-se em tres continentes: o Antigo, o Novo e o Novissimo.

Marita—Ha alguns professores que ainda acrescentam o continente Antarectico, situado no polo sul.

Delza—O antigo continente é formado pela Europa, Asia e Africa.

Messelinda—A Europa papae conhece.

Esther—O novo continente é formado pelas Americas e foi descoberto por Christovão Colombo, em 1492.

Sylvio—O Brasil está na America e foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, em 1500.

Roberto—O novissimo continente é tambem chamado continente australiano.

Wilson—E é formado de muitas partes?

Roberto—E' formado de diversas ilhas.

Diva—Agora fallemos das aguas.

Zuleika—As aguas dividem-se em cinco oceanos.

Lauro Oceano é grande porção de agua salgada.

Esther—Que rodeia os continentes.

João Claudio—Zuleika, você não fallou os nomes dos oceanos. Quais são?

Zuleika—Pacifico, Indico, Glacial Arctico e Glacial Antarectico.

Clery—E você esqueceu o Atlantico, justamente o que banha o Brasil.

Diva—O oceano Atlantico banha a Europa.

Clery—Só a Europa ?!

Esther—Não. Á America do Norte, a America do Sul e a Africa.

Osmar—O Atlantico é o mais movimentado.

Regina—Ha duas correntes maritimas no Atlantico: a Equatorial e a Gulf Stream.

Marita—Este oceano é o que recebe os maio res rios do mundo—o Amazonas, o Mississippi e o Danubio.

Ruth—O Amazonas ou já estudei, mas o Mississippi e o Danubio omde está?

Stella—O Mississippi está na America do Norte e o Danubio na Europa.

Hilda—Papae disse-me hontem que o maior oceano é o Pacifico.

Branca—Pois elle é maior que todas as terras juntas...

Berenice—O Pacifico banha a A. do Norte, a A. do Sul, a Africa, a Asia e a Australia.

Messelinda—No Pacifico ha muitos vulcões.

Berenice—São tantos que formam uma corça.

Esther—E como se chama esta corça ?

Ivo—Corça do Pacifico.

João Claudio—Quem deu este nome ao Pacifico ?

Roberto—Foi Fernão de Magalhães, quando o explorou pela primeira vez, em 1520.

Sylvio—Você fallou as correntes maritimas do Atlantico, não será capaz de dizer as do Pacifico ?

Regina—Que prosa, hein Sylvio; fale voce...

Alarico—Já vi, Sylvio, que você está embaraçado.

Helio—Vou em auxilio de Sylvio. As correntes maritimas do Pacifico são a Equatorial e a Kurro Sino.

Ruth—O oceano Indico banha a Africa, a Asia e a Australia.

Raymunda—E sabem porque elle se chama Indico ?

Annita—Certamente que banha a India.

Stella—Marita, você não se lembra do Oceano Glacial Arctico.

Nelly—Stella, onde está elle?

Marita—Stella queria pôr-me em apuros, mas foi tudo contra ella.

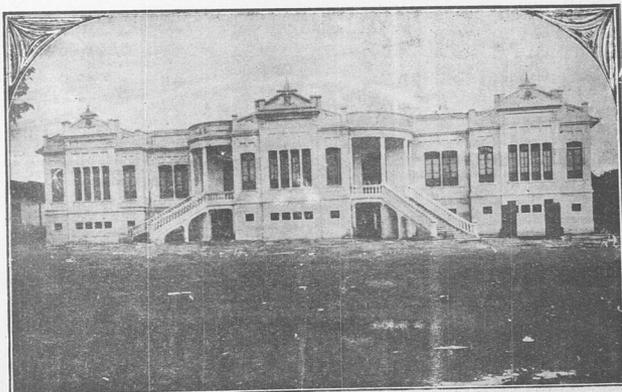
Dagmar—Deixem de discussão. O oceano Glacial Arctico está no polo norte.

Olivina—E' um oceano que está quasi sempre gelado.

Eurico—Um só, não; são dois.

Petronio—O oceano Glacial Arctico está no polo sul.

Sylvio—As aguas occupam tres quartas partes da terra.



GRUPO ESCOLAR DE SETE LAOÁS

Diva—Não sabia que havia mais água do que terra.

Marita—Você não assistiu a última aula de Geographia, Diva?

Diva—Não; neste dia eu não vim à aula.

Abílio—A água do mar é muito salgada.

Julio—E também um pouco amarga.

Branca—E esverdeada também.

Sylvio—A água, vista na costa do continente, é azulada e em alto mar é verde garrafa.

Lourdes—Quaes são as vantagens do oceano?

Esther—O mar fornece ao homem muitos productos: sal, coral, peixes, sardinhas, etc.

Sylvio—As sardinhas são a riqueza da Suecia e da Noruega.

Ruth Amaral—Em que continente estão estes paizes, Sylviano?

Sylviano—No antigo continente, na Europa.

Zuleika—Do fundo do mar se tiram as esponjas.

Roberto—O mar oferece ainda outra vantagem.

Lauro—Qual?

Roberto—Põe em comunicação continentes e ilhas.

Ondina—E' de muita vantagem ir ao fundo do mar.

Ivo—Por que?

Edna—Porque lá ha muitas riquezas.

Odette—Tenho muita vontade de saber como é o fundo do mar.

Eduardo—Para descer ao fundo do mar é necessario o escaphandro.

Sylvio—Não estou de accordo. Quando o navio naufraga, todos os viajantes vão no fundo do mar; nunca ouço dizer que elles se vestem de escaphandistas.

Esther—Sempre com brincadeiras, hein, Sylvio?

Abílio—O apparelho que nos faz conhecer a profundidade do mar chama-se sonda.

Roberto—Ainda é o mar que nos fornece a perola e a madreperola.

Marita—A cachalote é também muito util.

Albertina—Por que?

Marita—E' della que se tira o spermacete.

Odette—Esperer até agora que respondessem a minha pergunta é, no entanto, nada...

Clery—Antes de terminarmos nossa palestra precisamos dizer a Odette que o fundo do mar é como a terra. Lá existem até montanhas.

Diva—E animaes também.

Esther—Todos nós comprehendemos bem a explicação de nossa professora. E' necessario que continuemos assim, para ficarmos conhecendo bem as riquezas da nossa terra tão querida.

REVISTA DO ENSINO

EDUCAÇÃO — OBRA DO AMOR

A escola precisa ser transformada
numa sementeira de felicidade, de
alegria e de entusiasmo pela vida

GUERINO CASASANTA

As questões relativas à educação popular começam a preocupar vivamente os Estados bem organizados, e se tornam objecto de particular analyse por parte dos governos. As organizações e legislações escolares encaram a creança sob um aspecto muito differente do antigo systema, tornando-a a pedra basilar de toda a instrução. Os mestres e os programmas deixaram de ser a parte mais importante, entrando numa actuação menos dogmatica, mas certamente mais efficaç na grande obra da educação. Afinal de contas, é bom lembrar que os orgãos da instrução publica, os professores, os sumptuosos edificios, todo o movimento visa apenas e exclusivamente a creança.

Schopenhauer considerava o homem um animal selvagem, um animal feroz, etc. A constituição da creança, na opinião da escola lombrosiana, é analogia a do criminoso nato, do louco moral e do selvagem. Darwin julgava a humanidade: como uma ampliação do macaco.

Estas e outras doutrinas, por absurdas, ruíram por completo.

Não sendo a creança precisamente um adulto em miniatura, e sem uma possibilidade que se desenvolve, cumpre seja estudada como tal, e como tal educada.

A escola precisa ser transformada numa sementeira de felicidade, de alegria e de entusiasmo pela vida.

Os regulamentos de ensino, baseados na experiencia dos factos concretos, induzem o professor a fazer da educação uma obra de amor, uma obra grande e generosa, despertadora e alimentadora das energias infantis. E', allás, o caminho natural de penetrar na alma da creança, e fazê-la desabrochar para uma vida nova, habilitando-a para uma victoria magnifica na existencia.

A doutora Montessori partidaria, como innumer pedagogistas de todos os tempos, da educação pelo amor, diz que a nossa verdadeira alegria, a nossa unica recompensa é de commover e conquistar as almas.

E' desenvolvendo a affectividade infantil, dando-lhe a consciencia de sua propria força, elevando-a

por assim dizer acima de si mesma, é que se conseguirá a perfeita formação das gerações.

O professor, manejando na sua arma poderosa do amor na educação infantil, realizará milagres surpreendentes, porque ella é a alegria, a espontaneidade e outros maravilhosos instrumentos, que produzirão cento por um.

A educação é uma quasi criação. Guiar a infancia para a plenitude da belleza moral, abri-lhe os horizontes para as luctas da vida, tudo isso requer um tacto delicadissimo e que só poderá ser desempenhado com um affecto sereno e uma sympathia sincera.

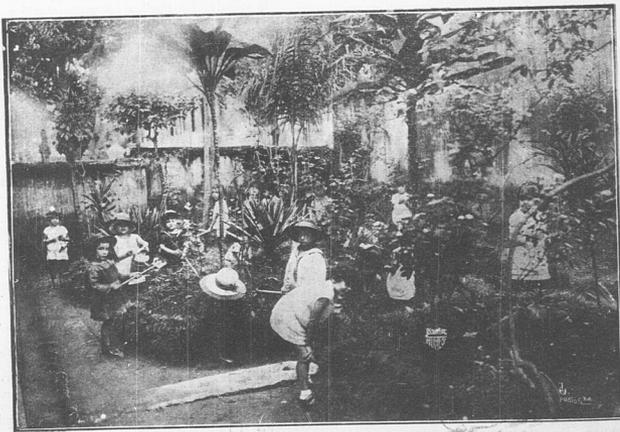
“O que, primeiro que tudo, diz Marden, deviamos inculcar ás creanças, desde os seus mais tenros annos, era que são nascidos para serem conquistadores e não vencidos.” Usar do temor, como arma educativa, é um crime. Todos sabem que o medo produz: paragem do coração e da respiração; immobillidade, palidez, dilatação das pupilas, muidez, etc. Além disso, o espirito perturba-se, a intelligencia se obscurece, perde-se a memoria e a vontade. Como, pois, realizar a obra da educação, quando annullamos, sob uma forte pressão, o desenvolvimento physio-psychologica, a propria individualidade da creança?

A escola foi uma cousa tenebrosa, laboratorio de odios e mentiras. O magister, iracundo e ignorante, ensinava o abc a golpes de palmatoria.

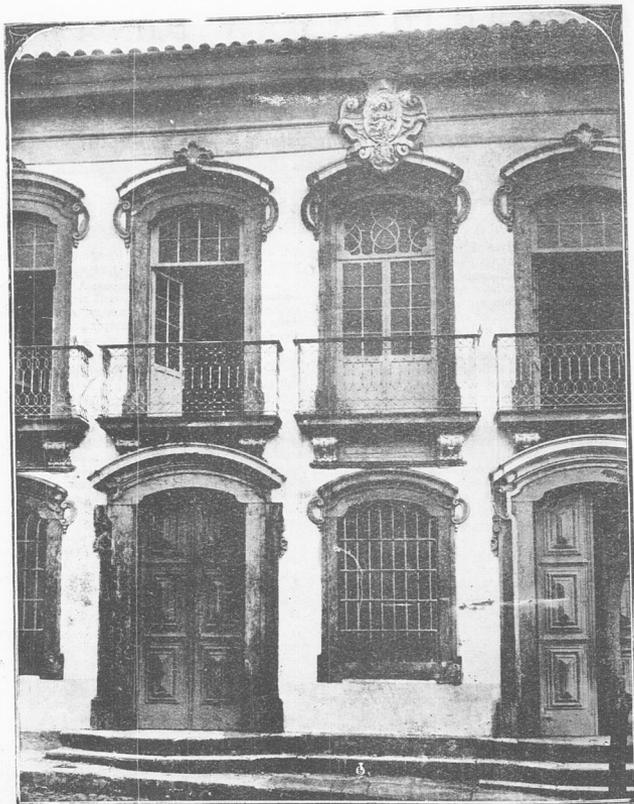
A escola deve ser o complemento do lar. Ahi deve reinar a mais perfeita tranquillidade, um ambiente de estimulo e confiança, que ensina a creança “uma attitude victoriosa”, e que augmente a possibilidade de exito e derrota a idéa do fracasso e da derrota.

Cumpre, pois, fazer da educação e da instrução, uma obra de amor. E' amando a creança que, ainda sem especializados estudos pedagogicos e scientificos, poderemos fazer da escola um lugar aprazivel e encantador e conduzir a infancia pelo verdadeiro caminho, cheia de fé e de coragem, de vigor e belleza para a victoria final.

Ouro Fino, abril de 1926.



AULA DE JARDINAGEM. ESCOLA INFANTIL «DELFIN MOREIRA» (CAPITAL)



FACHADA DO ALJUBE DE MARIANNA (JUNTO DA SÉ). O ALJUBE ERA UMA PRISÃO DESTINADA A ECLESIASTICOS. NOS TEMPOS COLONIAES, HAVIA O FÓRO ECLESIASTICO SEPARADO DO CIVIL: O BISPO PODIA PRENDER OS PADRES.

O problema das grandes entre os pequenos

EDUARDO FRIEIRO

COMO consegue o homem approximar-se melhor a infancia? Pelo livro, pelo cinematographo ou pelos brinquedos? Todos os meios parecem bons desde que receiem as crianças, dando-lhes um pouco de saber e levando-lhes um raio de bondade.

O precetto de Phedro: "excitar o riso e admoestar para a vida" crea os policenmelos do Guignol antigo e o moderno *Teatro dos Puppets*. A coilha industrial, ensarçada de ingenuidade manufactureira, inventou os intrepidos soldadinhos de chumbo, as deliciosas bonecas de trapo e uma prodigiosa fauna de celuloide.

Tyndall escreveu um precioso livrinho para mostrar que uma criança de intelligencia commum pode construir sozinha e a custa de infima quantia a maior parte dos instrumentos de demonstração empregados em electricidade.

E' preciso desenvolver por todos os meios a iniciativa das crianças. E é preciso, principalmente, que o nome extraia de si tudo o que lhe faculta a natureza. Como conseguiu-o? Pela acção. Ensinando-lhe a philosophia da energia e da vontade. Temperando-lhe o caracter. Não é esse, acaso, o pensamento que se destaca do livro inglez por excellencia — o *Robinson Crusoe*?

Ha quem pense que antes da educação intellectual e scientifica deve ser collocada a educação estetica. Effectivamente, não é possível contestar de um mouo serio a acção moralizadora, embora indirecta, da arte e da litteratura. Para o boy, não é a utilidade do bem que se deve ensinar ás crianças, mas a sua belleza, que faz que o bem encontre em si proprio satisfação immediata.

Nada diverte tanto as crianças como o cinematographo. Nada as seduz mais do que um movimento, turbulento *film* de aventuras. Muito se tem escripto contra a influencia, que se suppõe perniciosas, de taes *films* sobre as almas infantis. Sem duvida ha nelles, frequentemente, o espectáculo das grandes crimes e grandes criminosos; mas a verdade é que tambem nunca deixa de haver, e ha quasi sempre, o exemplo e a exaltação das virtudes primarias, fundamentais do homem: a bravura e o desapego á vida, o poder da vontade e o espirito de justiça, o amor e o sacrificio. Eis ahí a razão do exito desses *films*; eis porque tanto agradam ás crianças.

Diz J. Ortega y Gasset que a alma da criança tem o poder de transfigurar tudo aquillo em que toca. Sua palçagem se compõe quasi exclusivamente de *desiderata*. Tudo o que vê em seu derredor é como devia ser e o que não é assim não o vê. Os proprios vicios, mesmo a morte e o crime, ficam purificados

pela sua alchimia espirital e só lhe revelam uma face attractiva. Si tal criança brinca de ladrão, é que sua alma só deixa passar do ladrão real as qualidades em verdade desejaveis: a audacia, a serenidade, o afan de aventuras. Do mesmo modo, a morte, para as crianças uma variante do brinquedo de esconder: a pessoa se ausenta para reaparecer em meio da alegria geral.

Todo homem tem necessidades imaginativas e precisa satisfazê-las. Desse alimento supplementar as crianças precisam tanto ou mais que as pessoas maiores. O adulto procura o romance. A criança escuta extasiada os contos da avózinha. Mas, si o adulto, de varia especie e gosto, para todas as intelligencias e todos os paladares, a criança, essa, tem de se contentar com exigua variedade de livros que lhe falem á imaginação. Então si a criança for brasileira, seu thesouro de imagens se reduzirá a um numero bem precario.

Os petizes saboreiam as peripetias de um conto ou quasi tanto como as doçuras de um bombom. Conceder-lhes um caramelo é facil. Um pouco mais difficil é o brinde-las com uma bonita historietta.

Ferrault, Andersen, Grimm, enternecidos demérgos, crearam um pequeno mundo de prodigios, de encantante poesia ingenua e graça innocente — o melhor dos mundos, risonhos de coração amoravel, após haverem sonhado a amargura humana, dispuerant-se a viver uns instantes com a innocencia e nella se reatigaram. Em verdade, o ultimo que das almas comandas desaparece é a graça de amar aos pequenitos.

Livros e revistas infantis, que distriam dos historias encantadoras e problemas ingenuos, são bem recebidos de protecção e applauso. Um conto bem contado é o mais poderoso excitante da fantasia dos pequenos leitores.

Não são poucos os livros que se publicam destinados ao recreio da infancia. A experiencia, porém, tem provado que as crianças mostram, quasi sempre, extrema repugnancia por taes livros. Consideram-nos como um pensum, quando obrigados a lê-las na escola. A repugnancia explica-se. Pelo geral, os auctores procuram descer até á infancia, fazem-se pueris, artificialmente, sem innocencia nem graça. Ora, a criança quer outra cousa; a criança quer saber de si mesma, quer que o universo se lhe revele, cheio d'animação e de belleza. Só as grandes creações, escurtadas em um estylo alerta, repleto de sentido, lhe satisfazem a curiosidade voraz.

Dir-se-á que é preciso estar ao alcance das tenras inteligências, evitando-se assumptos que não pertençam à experiência da infancia. Sem dúvida. E' bom, todavia, não esquecer que os meios geralmente empregados, só lhes causam tédio e impaciência.

"Em geographia — observa J. Dewey — a criança das planícies é, facto extranho, indifferente aos encantos intellectuaes daquillo que a cerca, ao passo que se sente fascinada por tudo o que se relaciona com as montanhas e com o mar. Frequentemente, os

mestres se esforçam — com pouco exito, aliás — por obter das crianças composições escriptas sobre ellas, de objectos e factos de cada dia e notam que, embora, ao revés disso, só se aforavam quando podem escrever sobre temas de ordem elevada ou sobre assumptos de imaginação.

Com effeito, O proximo e fanelhido, as mais vezes, algo enfadonho. O desconhecido, ao contrario, atrahê fortemente as imaginações e é o seu melhor fermento.

OS TESTS PSYCHOLOGICOS

ZELIA C. RABELLO

ENTRE todos os beneficios que tem procurado fazer á instrucção o actual governo de Minas, prestigiando o professor primario, procurando levantar-lhe o nivel social, enchendo as lacunas e falhas encontradas na instrucção dessa classe, chamando a attenção para novos methodos e processos mais modernos, um avulta sobremaneira, e é justamente o que menor repercussão deixou entre nós — a questão dos tests intellectuaes. E deixou menor repercussão por uma razão muito simples, por não haver encontrado o professorado com o espirito preparado para recebê-lo.

Quantas dentre nós conheciamos a invenção genial de Binet, havendo meditado bem sobre o seu alcance? Quantas teriamos conhecimento dos trabalhos de De Croly, Descoudres, Terman . . . ? Eis porque não deo germinou ainda a semente acida lançada em fevereiro despertando maior interesse por uma coisa que precisamos a todo transe estudar, examinar e applicar. Creio não exaggerar affirmando que a descoberta de Binet está para a pedagogia, assim como a de Pasteur para a sciencia medica.

"Nós assignalmos á questão da selecção dos escolares, dizem De Croly e Boon, não o 1.º lugar na renovação do nosso ensino, mas acreditamos sinceramente que constitue uma reforma primordial e fundamental da mais alta importancia, realizavel immediatamente nas grandes cidades."

De facto, poder classificar os alumnos de uma escola de accordo com a sua capacidade de assimilação ou, por outras palavras, conforme a sua idade intellectua, não parece uma coisa que já se devia fazer de sempre? Póde haver nada mais logico? Todos nós sabemos que, em classes alphasbetas de 7 annos chronologicos, ha crianças que aprendem a ler em tres mezes, ha as que levam o anno inteiro a aprender e ha as que, em novembro, nada ou pouco sabem ainda, sendo esta uma das causas da menor eficiencia

do ensino, de perda de tempo para as intelligencias supra-normaes, perda tambem absoluta para as sub-normaes, formando estes dois extremos os elementos indisciplinados que tantas cans prematuras trazem as professoras.

Claparède, em uma obra publicada em 1924, "Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers", assim se exprime: "Si quizermos reunir tudo isso em uma proposição simples, diremos que as crianças de uma idade dada não têm todas o mesmo nivel mental, que somente 50 % estão com a sua idade; ha uma boa quantidade, 20 %, que estão um anno deante, enquanto se encontram 5 % que têm 2 annos de atraso. A proporção dos que têm mais de 2 annos a mais ou a menos póde-se, em pratica, desprezar."

Ahi está porque uma classe perfeitamente igual em ignorancia, a 15 de janeiro, vem a ter duas ou tres subdivisões pelo meio do anno, com grande prejuizo para os alumnos e não menor para a professora que, além do trabalho accrescido, nem sempre consegue convencer aos inspectores de que essa differença de adeantamento provem da maior ou menor reatividade por parte dos educandos. Não deviamos, pois, de todo, continuar a formar as nossas classes alphasbetas pelo criterio da idade chronologica, quando já existe um modo mais perfeito de classificação, aproveitando melhor o trabalho da professora e o tempo do alumno.

Mas dirão, talvez, que é essa questão mui delicada e que nenhum pae quererá ver o filho taxado de anormal ou retardado. E', então, preferivel esconder a doença que procurar cural-a? Parece-me muito mais doloroso ver um filho collocado na classe de retardados — e o primeiro dia de aula, com um ensino todo adequado a seu estado mental, que verificar esse atraso depois de dois ou tres annos de frequencia inutil na escola.

Mais importante ainda que a separação dos sub-normaes para uma educação adequada, é a selecção dos supra-normaes, os quaes, representando a nata intellectual de um povo, deviam, desde muito cedo, ser requisitados pela patria, como o melhor dos seus thesouros, para receberem uma educação que, longe de os encher de vaidade, como acontece quando se educam juntamente com os outros menos dotados, lhes fizesse cautelosamente sentir a enorme responsabilidade

que lhes conferiu a Providencia com esse todo esplendido, a responsabilidade ao mesmo tempo adua e luminosa de futuros conductores do rebanho humano.

Não estamos ainda, é verdade, auctorizados a pôr em pratica esse modo de classificar; mas, com um governo como o que ora temos, toda tentativa de educação conscienciosa e intelligente será forçosamente encaráda com sympathia.

Como os alumnos podem organizar uma sapataria de brinquedo

Um interessante projecto escolar — Faleiros e ensino. — Modo suave de aprender.

ESTE projecto foi realizado num Jardim de Infancia da America do Norte e é um excellente divertimento para as crianças, podendo tornar-se de grande utilidade, si tiver um desenvolvimento mais amplo.

A primeira coisa a fazer foram as caixas. O facto de não haver sapatos dentro dellas, não tinha a menor importancia para as crianças. Assim, a pro-

veram usar uma das salas de aula para servir de loja — para que assim teriam a porta para fechar e abrir, como numa sapataria de verdade e podiam fazer as estantes com os blocos de construcção. Enquanto uns acabavam as caixinhas, outros faziam as estantes na loja.

Então divertiram-se a valer. Arranjaram um ou dois caixaeros, e tres a quatro compradores, em-



fessora e os alumnos puzeram mãos á obra para o fabrico das mesmas. Foram cortadas num papel brando e grosso — 12 pollegadas por 12 pollegadas, dobrado em 16 quadrados com uma tira cortada. A gampa foi feita do mesmo modo que a caixa e pregada nella.

Em seguida, tiveram necessidade de um lugar para collocar as caixas de sapatos. As crianças resol-

quanto os outros observavam os caixaeros vender sapatos e conversar os freguezes. Isto os satisfiz por algum tempo, até que um delles suggeriu que devia haver desenhos de sapatos nas caixas, para que o freguez pudesse escolher o que lhe conviesse.

Por esta razão, o trabalho do dia seguinte ficou planejado — collar desenhos de sapatos nas estremitadas das caixas. Estes foram cortados pela

professora e ella limitou o numero a algumas qualidades, mas em duplicata. Cortou figuras de sapatos e chinellos brancos, vermelhos, castanhos e pretos, e as crianças gostaram muito desses desenhos e ficaram distrahiidas o dia todo, escolhendo os que mais lhes agradavam e collando-os nas tampas das caixinhas.

Terminada essa occupação, alguém disse que as pessoas tinham pés de tamanhos diferentes e que deviam escrever os numeros nas caixas. Assim, um numero mesmo arranjou um lapis e escreveu um numero na caixa. Todavia, este numero não satisfizes as crianças, apezar de não sabermos porque. Finalmente, uma dellas disse: "Como, João, isto não é um numero, é uma letra, "A". Na verdade, o que elle tinha escripto era uma letra. "A". A professora resolveu então que elles aprendessem primeiro a escrever os numeros antes de pol-os nas caixas, para que não as estragassem escrevendo errado. Os que já sabiam, faziam os nu-

meros no quadro negro e, em pouco tempo, com o auxilio combinado do grupo, todos sabiam escrever de um a dez. Era um divertimento para elles verem qual seria capaz de ler melhor os numeros; e, mesmo brincando, aprenderam a escrevel-os correctamente. Decidiram depois que não precisavam ter todos os tamanhos nas caixas. Bastava os que eram usados pelas crianças do "Jardim". Uma dellas teve a idea de medir os pés para verificar os tamanhos, e isto suggeriu o uso de uma regua para servir de medida.

Como Evelynna tinha o pé menor de todos, o della foi medido primeiro e o resultado foram 7 pollegadas. Um menino fez esta objecção: "Mas eu não poderia usar sapatos do mesmo tamanho que os della". Combinaram, então medir o pé do menino maior de todos: foram 9 pollegadas. 8 pollegadas ficou sendo, então, o tamanho medio para os pés que não eram nem grandes nem pequenos.

A tarefa seguinte foi escrever os numeros. Pra-

cearam primeiro no quadro negro e depois escreveram os numeros em circulos de papel que pregaram nas caixas. Para servir na loja, escolheram um caixeiro que sabia ler-os, mas para não haver enganos, depois que se media o pé do comprador, outro verificava si estava certo. A hora da venda, os outros ficavam prestando attenção para ver si elle achava a qualidade do sapato e o numero correspondente.

Si o freguez reclamava por ser pequeno o tamanho, o caixeiro trazia outro maior.

A principio, os caixeiros e os freguezes falavam pouco, mas á medida que iam ficando mais familiarizados com o brinquedo, começaram a desembarçar-se mais na conversa.

O menino que servia de caixeiro, era severamente censurado pelos outros, quando não se mostrava cortez com uma "senhora". Diziam-lhe que devia cumprimentar a fregueza, perguntar-lhe o que desejava e depois de experimentar-lhe os sapatos, condu-

zila até á porta e convidal-a para voltar outra vez; e o que falava sobre o tempo e outros assumptos de interesse geral, era considerado um bom caixeiro.

Diziam tambem que a compradora não devia ficar sentada, sem dizer cousa alguma; devia responder o que o caixeiro lhe perguntava. Assim, havia palestras interessantes entre as crianças.

Um dia, uma menina muito aristocrata, disse: "Não quero carregar meus sapatos; mamãe manda sempre levar os della a casa". Isto mostrou ás crianças a necessidade de aprenderem os nomes das ruas e o numero das casas.

Muitos dellas já sabiam seus endereços, porque tinham aprendido em aula, porém, os que já não se lembravam, tinham agora interesse em aprender — podiam mandar levar seus sapatos a casa, em vez de carregal-os. Depois disto, era commun ouvir-se: "Deseja calçar os sapatos novos, carregal-os ou

quer que os mande em casa?" E a compradora dava seu endereço e pedia que mandassem levar-os.

Com este brinquedo, as crianças aprenderam tambem o valor exacto do dinheiro. A principio, a criança que servia de caixeiro cobrava cem mil réis por um par de sapatos e dez tostões por outro. Nenhum comprador pensava em perguntar os preços antes de comprar ou em fazer objecção pela sua exorbitancia. Um tostão tinha para a criança, o mesmo valor que de lata e outras um pouco maiores tinham o valor das dez mil réis.

Então, muitos quizeram ter dinheiro de brinquedo. Para servir de pratas, fizeram rodellas pequenas de lata e outras um pouco maiores tinham o valor das cedulas.

Antes de fazer as compras, a criança recebia uma certa quantidade de dinheiro. Contava-o em voz alta para os outros ficarem sabendo quanto podia gastar. Assim, tinha de perguntar os preços, previamente,

porque, do contrario, podia acontecer que ella não tivesse bastante dinheiro para pagar os sapatos.

Discutiam os preços e, aos poucos, começaram a cobrar quinze, vinte e vinte e cinco mil réis, em vez de cem, como faziam a principio. Aprenderam, assim, a fazer contas e dar os trocos rapidamente.

A idea de ornamentar a parte exterior da loja só veio mais tarde, porque o principal interesse das crianças estava no interior da mesma. Mas, afinal, sapataria e com annuncios de seus artigos; e divertiam-se cortando figuras de diferentes especies de sapatos e pendurando-as na porta para não haver duvidas a respeito de sua mercadoria.

Este projecto, realizado como brincadeira, teve muito bons resultados, entre os quaes o interesse pela arithmetica que despertou nas crianças.

(Adaptado da revista americana "Normal Instructor and Primary Plans").

Não se deve matar a iniciativa da criança

O que se deve fazer — O inteligente trabalho do professor

EDESIA C. RABELLO

DIZ um proverbio allemão que o mundo pertence aos intrepidos. A vista desse proverbio, seria um crime de qualquer pessoa, maxime de um preceptor, contribuir de qualquer modo para que essa intrepidez, que prevem da iniciativa cultivada e não asphyxiada, morra. Como professores, sujeitos á execução de um programma, que queremos que seja estudado em um prazo de tempo relativamente curto, para que tenhamos tempo de repeti-lo antes dos exames, afirm de que nossos alumnos deem respostas seguras e promptas ás arguições feitas, revelando assim (é o que se pensa) dedicacão e competencia do professor, matamos criminosamente a iniciativa do alumno.

Habitualmo-lo a não raciocinar e a não deduzir nada. As respostas ás arguições são ensinadas pelos professores de um modo senão dogmatico, ao menos por insinuacão. Nunca deveriamos dizer ao alumno: "Você errou. A resposta é esta, e não a que você deu." Devemos levar-o por meio do raciocinio ou da observacão a dar respostas espontaneas e genuinas. Nunca corrigi-lo. Mas, obrigai-o por meio da intelligencia ou da deducção, a que elle mesmo se corrijia.

Nos methodos de ensino actualmente em vigor nos Estados Unidos, o processo adoptado é o da desobservacão. Exemplifiquemos o que dizemos, simulando ducção. Exemplifiquemos o que dizemos, simulando uma licção. Seja esta, a que em nosso programma faz parte como sendo de noções de Physica e Chimi-

ca e de Botanica, a que deviamos chamar de "Licções de Cousas" e que os americanos chamam de "Sciencias Gerases".

O professor está explicando a funcção organica dos vegetaes, o modo pelo qual elles elaboram a seiva, a funcção das raizes e das folhas. Depois de dada a licção de um modo synthetico, sendo para a explicacão escolhidas palavras apropriadas, o professor formula alguns problemas. No thema escolhido para a licção acima, alguns como estes:

— Porque matamos uma arvore, se a podamos na estacão chuvosa?

— Porque a podamos quando a transplantamos?

— Porque podamos as nossas plantas nos mezes de julho e agosto?

Qual a razão porque a madeira cortada no mez chuvoso não se presta á construcções?

Arguições desse genero são feitas após todas as explicações, obrigando o alumno a dar respostas seguras, dizendo porque as deu, desenvolvendo-lhes assim a iniciativa de uma idea, que já é um grande passo para a iniciativa e intrepidez da accção.

Os Estados Unidos devem todo o seu progresso e adiantamento á iniciativa e intrepidez de seus filhos. E como a educacão de um povo é começada na escola, todo nos leva a crer que foi desde allá que os americanos começaram a ter iniciativa e adquiriram a intrepidez, que é o apañado dos vencedores.



Dono de palavra fácil, colorida, persuasiva e quente, eram suas preleções, formal e substancialmente, tão atraentes e tão avidamente disputadas, que, até mesmo estudantes estrangeiros à Escola de Minas, como eu, iamos ouvir-as, naquelas instâncias sempre franeando a qual desejava aprender.

Como naturalista, além de publicações de real valor, e de comunicações de grande utilidade, publicadas nos *Anaes* daquela Escola e em revistas científicas, deixou uma da qual conservo, com orgulho, um exemplar oferecido graciosamente por elle, intitulado *Um novo feto do Brasil* (*Blaphoglossum Beauverdi*); que elle descreveu e dedicou a M. G. Beauver, e que figura no volume VI, de julho

de 1914, do *Boletim da Sociedade Botânica de Genebra*.

Havendo-se aposentado no cargo de professor de que dera tanto lustre, foi convidado para dirigir a *Escola Agrícola de Piracicaba*, no Estado de S. Paulo, onde pouco se demorou por motivo de saúde.

Transferindo sua residência para Belo Horizonte, aqui viveu alguns annos, com o organismo, outrora tão vigoroso, profundamente abalado por pertinaz enfermidade cruel e depressiva, podendo, em, então, appellar-se as palavras de Luciano a respeito de Ampère: "*Stat magni nominis umbra*".

Em um dos últimos dias luminosos de abril de 1922, a morte piedosa o adormeceu em seu regaço maternal...

O BRASIL -- RECURSOS NATURAIS -- ECONOMIA NACIONAL

BEMVINDA DE CARVALHO

NAS sociedades novas, diz Oliveira Martins, a riqueza tem um papel mais dominante do que a sciencia e a philosophia; é a criação da força collectiva que precede a reacção das idéas, em que o homem não encontra satisfação em nenhuma necessidade utilitaria.

Tem-se feito, ultimamente, por iniciativa dos Estados e do Governo Federal, uma propaganda systemática por meio de revistas agricolas, de syndacatos e de escolas ambulantes, no sentido de se intensificar o ensino profissional agro-pecuario em todo o paiz.

O valor economico de nossas riquezas deve ser salientado desde as classes elementares, com um caracter eminentemente pratico, fugindo-se á sobrecarga de dados necessarios e ás explanações abstractas, de resultado negativo na formação individual do alumno. E' preciso que elle conheça de verdade a terra, aprenda a cultivá-la, estude os meios possiveis de aproveitamento economico da mesma, deixe para o apparelhamento de gongorismo exótico que excitam a vaidade do brasileiro, fazendo-o cair na passividade esteril de um lyrismo viciado, quasi incurável.

"A creança é um conego de homem" — um factor, portanto, da futura grandeza moral da Patria. Assim o comprehendem os nossos homens de Governo, imprimindo novo rumo á orientação do ensino primario.

Ha dias, teve a prova do que affirmo, ao ouvir o appello de nosso illustre Secretario do Interior, assim ultima vez: "Uma lição, sim, mas de Geographia Economica, sobretudo."

Compreendi o que ha de significativo nessas palavras pronunciadas com o maximo interesse, ra-

zão por que intentei fazer o possivel para corresponder a tão nobre e generoso chamado.

Revedo o programma de Geographia, dos Grupos Escolares, deparam-se-me os seguintes pontos, do 3.º anno: — "*Brasil: principaes productos — industria agro-pecuaria — gado, milho, café, feijão, assucar, algodão, fibra, cacão, borracha, com explicação sobre o valor nacional e de exportação de cada um desses productos — Industria extractiva: ferro, manguez, ouro, diamante e outras pedras preciosas — Industria de alimentação: zarque, banha, laticínios, etc. — Industria de vestuários: fição, tecelagem, calçados, chapéus, malhas em geral, seu valor economico no progresso do Paiz.*"

E' o Brasil economico, em resumo; é o rejuvenescimento das theorias de Herder, que se estabtem nas antigas concepções, já registradas em Montesquieu, Buffon e Kant, ampliadas, ainda, por Taine, Buckle e Spencer; é, finalmente, a *Anthropogeographia* — o ideal do estudo moderno...

Pretendo organizar "lições" que aproveitem realmente á classe, mas, como a materia é vasta, fal-o-ei em 4 ou mais aulas, obedecendo o estudo ao seguinte plano:

1.ª lição: Brasil: productos naturais, nos 3 reinos, com a localização geographica rigorosa; (em 2 aulas);

2.ª lição: Explicação circumstanciada sobre o valor economico de cada artigo, e sua exportação;

3.ª lição: Industria manufactureira;

4.ª lição: Dados comparativos e apparelhamento economico.

1.ª AULA (1.ª PARTE)

PRODUCTOS VEGETAES NATURAES DO BRASIL — ESBOÇO DA AGRICULTURA

O ensino consta das seguintes partes:

a) Exposição da materia, feita pela professora, em voz clara, diante do mappa do Brasil, de Olavo Freire, depois de alguns minutos de observação em que ella, de pé, á frente dos alumnos, ganhe o "espírito da classe";

b) Traçado, antecipadamente feito no quadro negro, de 2 cartas, figurando, uma, o Brasil dividido nas tres zonas dos productos vegetaes naturaes; tra, representando-o em sua divisão administrativa;

c) Um *schema* para os alumnos, dado depois da explicação, afim de que possam orientar-se em casa, por occasião do estudo.

Exposto o assumpto da lição, no mappa de Olavo Freire, a professora o retira, deixando á vista os dois esboços do quadro. Em seguida, fará uma recapitulação attraente do que falou, chamando os alumnos, de dois em dois, para que escrevam, dentro do limite de cada zona, os productos respectivos. Toda classe segue com curiosidade e trabalho. Não deixa a professora de facilitar e até provocar a iniciativa de cada um, dando attenção desvelada ás perguntas que sobrevierem, por mais desconexas que o pareçam.

Terminada a aula, será marcada a arguição para o dia seguinte, exigindo a professora que cada menino faça o seu mappa, em casa, em folhas de papel á vontade, sem preoccupação de forma perfeita, como nos que foram feitos no quadro. Recomendando-lhe, tambem, que não pronuncie uma só palavra desconhecida, sem lhe acrescentar a immediata explicação, elucidada pelo *desenho*, no quadro-negro, como, por exemplo, a palavra *zona*, que menciono.

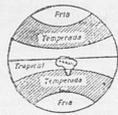
Exposição

A professora: — Vou falar, agora, sobre os productos vegetaes naturaes do Brasil, isto é, sobre as plantas nascidas espontaneamente no nosso solo, sem a preoccupação de cultura, como a seringueira, de que se extrai a borracha, o coqueiro, que dá o còco da Bahia, etc. O Brasil, nossa patria, é um dos maiores paizes do mundo, quanto á extenção, ao tamanho. Saibam, porém, que a valorização da terra depende das qualidades moraes e intellectuaes de seus filhos. Por isso, exijo sempre e sempre que vocês cumpram as obrigações, aprendam a viver cada um por si, pelo seu esforço proprio, porque a grandeza da somma depende do valor das parcelas.

Sendo cada um, futuramente, um cidadão perfeito, será a Patria grande, tambem.

Voltemos á lição: O Brasil está quasi todo na zona intertropical, entre os tropicos, na zona quente, como vsem aqui, neste desenho:

(*Vae ao quadro-negro, e desenha*).



Da cidade de S. Paulo para baixo, está na zona temperada. As diferenças de climas que ha no Brasil dotam o paiz de uma grande riqueza botânica.

Fara estadual, vamos dividi-lo em 3 regiões. (*Apontando no mappa*). — A 1.ª é a zona equatorial, que abrange o Brasil Amazonico, aqui ao Norte, com rica vegetação; a 2.ª é a zona do littoral, que começa ao Sul da curva do S. Francisco; está sendo? — a 3.ª é a zona do sertão, abrangendo parte de Minas, Goyaz e todo o Matto Grosso.

A 1.ª região, a Amazonica, caracteriza-se por um tipo de vegetação definido — o das florestas de espessa folhagem, irrigadas pelo rio Amazonas e seus afluentes. Ahi nascem: o castanheiro do Pará, a Seringueira, o cacoeiro, a salsaparilha, o guaraná, cipós, arvores de todas as especies.

A 2.ª é a zona da *matia littoranea*, abrangendo o littoral, baixa parte do Norte e montanhosa para o Sul, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. E' do tada de florestas de incomparavel belleza, destacando-se, como principaes arvores: as palmeiras, as saubas, o jequitibá, o jacarandá, a peroba, o cedro, pino, o palmito, o tucum, a piassava, cujas fibras são apreciadissimas na industria.

Na zona do sertão, formada por vegetaes raticiosas, enfados, retorcidos, como os descrevem o Visconde de Taunay, predominam os tableteiros de matto rasteiro em um sólo aspero e gredoso, barrento.

Além desses productos que nascem espontaneamente no solo, temos os seguintes, que são cultivados, ou por outra, que são cercados pelo carinho do homem: O *café*, plantado em S. Paulo, Minas, Rio, Espírito Santo, Bahia; e, em pequena escala, em Santa Catharina, Ceará, Sergipe, Parahyba; a *cana*, em Pernambuco, Parahyba, Sergipe, Alagoas, Bahia, S. Paulo, Rio e Minas; o *algodão*, em Pernambuco, Parahyba, Alagoas, Ceará, Maranhão, Piahy, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Minas, Alagoas, Pernambuco e Maranhão; o *feijão* é o legume nacional; o trigo, em S. Paulo, Rio e Rio Grande do Sul; o *juço*, na Bahia, Minas, S. Paulo, Santa Catharina, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Goyaz; o *cacão*, no Pará, Bahia, Maranhão, Minas, Rio, Ceará, e Pernambuco. (*Apontando mappa*).

Os climas do Brasil permitem a cultura rendosa das fructas, como: o abacate, o abacaxi, a laranja, a manga, a péra, o figo, a ameixa e a maçã; a *herva-matte* dá em abundancia em Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

Fico por aqui, hoje. Na proxima aula, falarei sobre a agricultura, detalhadamente. Vamos vber, agora, si vocs sabem collocar nos mappas aqui esboçados os productos de cada região. Venha cá, Luiz, escreva na zona equatorial os nomes dos productos nativos. Os outros prestem attenção, a vér si escapa algum. Muito bem! venha o Paulo; escreva da zona do littoral. Você, Fernando, escreva o nome do elemento tipico da zona do sertão. Newton, ponha a palavra café nos Estados em que elle cultivado. Octavio, marque com a palavra assucar os Estados em que se planta a canna.

(Assim, com o concurso dos alumnos, fica reconstruida intuitivamente a explicação da professora).

A professora: — Muito bem! Tomem, nos cadernos o schema que vou escrever no quadro; levem-no para estudar em casa, e tragam-me dois mappas do Brasil: um, com os productos naturaes das 3 zonas; outro, com os productos cultivados; que sejam eguaes aos que vocs veem no quadro. Podem olhar o Atlas e tirar o esboço pelos de lá.

Observações: Esta exposição não deve ser dada, em hypothese nenhuma, aos alumnos, para evitar a decoraçao criminosa, que, si desenvolve espontaneamente a memoria, por outro lado atrophia irreremediavelmente a intelligencia das creanças, tornando-as inconscientes, inaptas para qualquer accção espontanea, sem individualidade, sem energia, uns vencidos na vida, emfim. O schema é, pois, o unico material que elles podem e devem levar para o estudo. A professora escreve-no no quadro, e os alumnos tiram copia.

NO QUADRO

Productos naturaes do Brasil — Esboço de agricultura

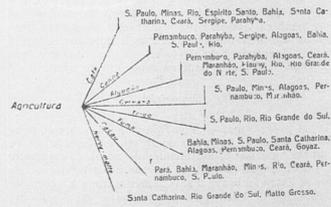
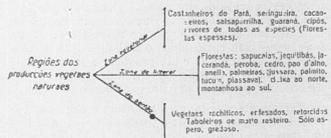
O Brasil é o paiz maior da America do Sul. Está quasi toda na zona intertropical.



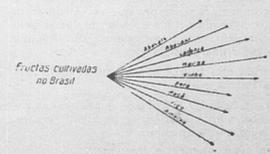
BRASIL — MAPPA DAS PRODUCÇÕES VEGETAES NATURAES



BRASIL — MAPPA DA AGRICULTURA



O FEIJÃO É O LEGUME NACIONAL



A CIDADE DA LUZ

OLHAR NA AULA ESCOLAR

Vós, que buscaes a senda da esperança,
 Entra: aqui ha mundos luminosos
 Num céu, que a mão, por mais pequena, atearça.
 A alma aqui se refaz de ethereos gosos;
 Vinde para o paiz da primavera,
 Vós, que deizaes os mundos tenebrosos.

Que sóbe á tona leve e festejado
 E vem de tantas perolas coberto
 Quem nem se lembra do labor passado.
 Para encravar um eden no deserto,
 Fazer um sol de um monte de granito,
 E para ver melhor o céu de perto,

Tanta luz aqui dentro vos espera,
 Que sahireis estrellas vivivas,
 Como as que brilham na azulada esphera.

Encostar uma escada no infinito,
 Entrar pela estellifera voragem,
 Ser razão e fanal, verdade e mytho,

Almas das trevas lugubres captivas,
 Abri as vossas azas rutilantes,
 Entrae, bandos de pombas fugitivas.

E armado de tenaz, fero: coragem,
 Arrazando os enjmas da vida,
 Cavar nas trevas lucida passagem...

Nas curvas destes porticos gigantes
 Haverá de lêr uma inscripção que alente
 Os vossos vãos inda vacillantes.

A isto esta cidade vos convida:
 Entrae: por mais que a noite em vós se note,
 Tereis um astro á fronte na sahida.

Emtra entra leva um peso aos pés atado,
 Como morgulhador do mar do Oriente,

Da cidade moderna é luz o mote
 Que na porta da entrada arde e flammeja;
 Entrae: a Escola é cathedral, egreja;
 Hosias, a sciencia; o mestre, sacerdote.

LUIZ DELFINO

Modo pratico e facil de ensinar hygiene

O sabão—Sua utilidade—Noções de asseio

A LUMNO — Ganhei um sabonete esplendido para fazer bolinhas.

Professor — Mas porque não o emprega para fim mais util? Não sabe por acaso para que serve o sabão?

A. — Sei, sim, é para perfumar as mãos.

P. — Não senhor! O sabão quando é perfumado deixa passageiramente perfumadas as mãos ou o corpo de quem delle se serve, mas o papel do sabão não é este, é outro muito mais importante.

A. — Qual, então?

P. — E' o de fazer a limpeza do nosso corpo e especialmente das nossas mãos, retirando as suas numerosas impurezas.

A. — E quaes são essas impurezas?



EM CASA TOSSE, LEVANDO A MÃO Á BOCCA, QUE FICA SEMEADA DE MICROBIOS.

perigosissimas que diariamente roubam ao mundo milhares de vidas. A tuberculose, por exemplo, produzida por um microbio, só na cidade do Rio de Janeiro mata milhares de pessoas em cada anno!

A. — Que coisa horrivel!

P. — Mas não posso comprehendere como existem esses terríveis microbios em nossas mãos.



NA RUA UM AMIGO SADIO DÁ-LHE A MÃO, QUE FICA TAMBEM CONTAMINADA.

A. — Nem eu!

P. — E' muito simples. Suponhamos que um tuberculoso, ao tossir, leve a mão á bocca. Naturalmente, com a tosse, sahem microbios da tuberculose que ficam na sua mão. Si este doente apertar a mão de outra pessoa sã, está claro que a mão dessa outra pessoa pôde receber o microbio.

A. — E basta isso para que essa pessoa sã fique tambem tuberculosa?

Si ella não tiver o cuidado de lavar muito cuidadosamente, as mãos com sabão, ao levar á bocca um pedacinho de pão, por exemplo, pôde levar tambem o microbio e ficar tuberculosa.

A. — Pôdom existir outros microbios nas mãos sem ser o da tuberculose?

P. — Poera, e principalmente numerosos microbios que são uma ameaça á nossa saude e á nossa vida.

A. — Mas que mal fazem os microbios á nossa saude?

P. — Terríveis!! Os microbios são o maior inimigo do homem. São causadores de molestias

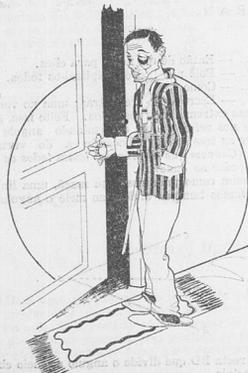
—P. — Sim. O da lepra, o da diptheria, o da febre typhoide, o da meningite cerebro-espinal, o do cholera e muitos outros.

A. — Deus me livre!

A. — E é só dando a mão a pessoas doentes que as nossas mãos adquirem microbios?

P. — Não. De muitas outras maneiras o contagio pôde ser indirecto. Assim, podemos segurar um livro ou outro objecto qualquer que já pertencente a um doente e contendo portanto microbios; podemos nos contaminar segurando no balaustre dos bondes, onde tuberculosos e leprosos passam as mãos; segurando no trinco das portas onde todo o mundo põe as mãos e principalmente segurando moedas e nickels que passam pelas mãos de todos, etc.

A. — Mas quando apertamos a mão de uma pessoa que é sã, não corremos nenhum perigo, não é?



ABRINDO A PORTA, DEIXA A MACANETA CHEIA DE MICROBIOS...

P. — Nem assim! Uma pessoa sã pôde ter apertado antes a mão de um doente e desse modo, transmitir-nos o microbio. Além disso, muitas vezes, cumprimentamos a uma pessoa doente que nos parece ser sadio.

A. — Vivemos então constantemente ameaçados?

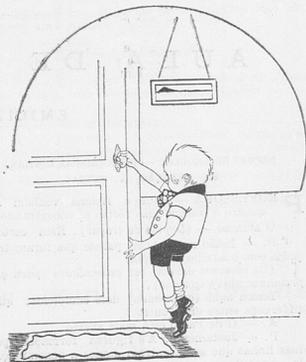
P. — Sim. E sómente fazendo o que nos determina a hygiene é que escapamos de todos esses perigos.

A. — Que nos ensina então a hygiene para evitarmos o perigo da contaminação pelas mãos?

P. — Coisa muito facil. Lavar as mãos com agua e sabão.

A. — Uma vez por semana?

P. — Não! Varias vezes durante o dia. Quando nos levantamos e nos deitamos; antes e depois de cada refeição; todas as vezes que chegarmos da rua, todas as vezes que pegamos em dinheiro ou outros objectos suspeitos; no inicio e no fim do nosso trabalho escolar quotidiano.



... QUE PASSAM PARA A MÃO DO FETIZ INCAUTO.

A. — Agora é que estou comprehendendo porque a minha mãe diz que não se deve dar a mão a um tuberculoso.

P. — Sim. Devemos evitar tal occorrença, mas quando não nos é possivel evital-a, devemos sempre lavar cuidadosamente as mãos.

A. — Tambem no rosto e no resto do corpo pôdem existir microbios?

P. — Sim. Principalmente no rosto e na cabeça. Mas não é só por isso que devemos lavar o nosso corpo.

A. — Porque é muito feio andar-se sujo.

P. — E' verdade. Mas existe ainda uma outra razão muito importante a favor do banho geral. E' que devemos desimpedir a nossa pelle da camada gordurosa formada pela sua descamação e pelos seus productos de eliminação.

- A. — Porque?
 P. — Vocês todos sabem que a pelle é um poderoso organo de eliminação que do nosso organismo possui; ora, si não conservamos a pelle limpa, essa função de eliminação, tão necessaria, fica prejudicada.
 A. — Mas a Mamãe me disse que lavar a cabeça faz mal á saúde. Produz restrição.
 P. — Quando se está são, de modo algum. Pelo contrario, é indispensavel que se tenha muito asseo com a cabeça, lavando-a sempre com sabão.
 A. — Para refrescar a intelligencia?
 P. — Não. Para impedir que appareçam nella

parasitas nojentos e que muito humilham as pessoas que têm a infelicidade de os possuir.
 A. — Nunca mais hei de estragar sabão fazendo bolinhas.
 A. — Hoje mesmo pedirei ao Papae um sabonete só para mim.
 A. — Vejo agora que o sabonete que me deram é mais precioso do que uma caixinha de bonbons.
 P. — Muito bem! Vejo que comprehenderei admiravelmente o extraordinario valor da agua e do sabão, tão baratos e tão grandiosos nos beneficios que nos trazem.

L. M.

AULA DE GEOMETRIA

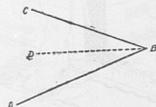
EMILIA TRURAN

NOÇÕES DE ANGULOS — DIRECÇÃO DAS LINHAS EM RELAÇÃO A OUTRAS

PROFESSORA — Paulo e Helena venham ao quadro e tracem duas rectas se encontrando.
 O alumno — (Depois de traçar). Está certo?
 P. — Estão muito bem; parece que foram traçadas com o auxilio da regua.
 (Os alumnos devem ser estimulados para que procurem aperfeiçoar-se).
 Temos aqui (apontando) dois exercicios; qual differença entre um e outro?
 A. — O de Paulo está mais aberto.
 P. — Justamente. A's figuras formadas por duas linhas que se encontram damos a denominação de — angulos.
 Os angulos podem ser mais, ou, menos abertos, como vocês estão vendo. Os mais abertos são os maiores.

A. — Então o Paulo fez um angulo maior, não é?
 P. — E' isso mesmo; apesar de Helena ter feito as rectas maiores o angulo é menor. (Deve-se chamar a attenção para o facto de que a grandeza do angulo depende apenas da abertura dos lados e não do comprimento destes).
 Todos vocês já conhecem o que seja angulo?
 A. — Conhecemos.
 P. — Pois bem; as rectas que formam um angulo chamam-se lados e o ponto de encontro — vertice.
 (A professora mandará ao quadro alguns alumnos traçar angulos).
 Olhem! Estão todos vocês vendo aqui diversos angulos; mas para nos referirmos a qualq. dos delles temos que apontar-os por não terem nomes, não é verdade?

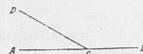
A. — Então dê um nome para elles.
 P. — Pois não! Vou baptisá-los todos.
 A. — Como?
 P. — Escrevendo tres letras: a um vertice e duas nas extremidades dos lados. Feito isso, si quizermos nos referir a um determinado angulo devemos ler as tres letras, collocando a do vertice no meio. (Convem que os alumnos leiam todos os angulos traçados no quadro).
 Assim como partimos uma maçã, uma linha ao meio, vamos tambem dividir ao meio o angulo ABC



A recta BD que divide o angulo ao meio chama-se bissectriz.
 Até que vocês aprendam a traçar uma bissectriz, poderão obtel-a do seguinte modo: recortar em papel o angulo e dobral-o ao meio; a linha formada pela dobra será a bissectriz.
 (Distribuir papel por toda classe). Agora vocês vão traçar neste papel um angulo.
 A. — Fompto!
 P. — (Depois de percorrer a classe). Muito bem! Alguns de vocês precisam repetir este exercicio, fazendo-o com mais capricho. Ao terminarem, recortem.
 A. — Acabei. Posso dobrar ao meio?
 P. — Para que?

A. — Para dividil-o em dois angulos iguaes.
 P. — Sim. Sabem como se chama a linha que divide o angulo ao meio?
 A. — Chama-se bissectriz.
 P. — Exactamente; podem então dobrar ao meio.

Dois angulos vizinhos, isto é, que têm o mesmo vertice e um lado commum são chamados — adjacentes. (Mandarã que os alumnos tracem no quadro angulos adjacentes e digam porque o são).
 Si por um ponto qualq.uer C da recta AB (figura 2) tirarmos CD obtemos dois angulos: um ACD menor do que o outro, porque?



A. — Porque é menos aberto.
 P. — Muito bem! Si fizermos o lado CD girar em torno de C da esquerda para a direita o angulo ACD augmenta e DCB diminhe. Chegará num ponto em que os angulos se tornam iguaes. A estes chamamos angulos rectos.
 A. — Os angulos rectos são todos iguaes?
 P. — São. Os angulos menores do que o recto chamamos de angulos agudos os maiores — obtusos. (Convem fazer o maior numero de exercicios para que o alumno distinga bem os angulos).

Através duma palestra com os alumnos

Dois lições de historia natural

DAMOS aqui um exemplo do modo pelo qual duas professoras podem encavar o mesmo problema, em aula. Esta realizou-se logo depois do recreio, onde as crianças jogaram uma partida de foot-ball e a professora serviu-se disso, para fazer perguntas a respeito.

LIÇÃO I

I. Professora — Reparei que nenhum de vocês tirou o sapato para jogar. Porq. razão? (Pausa. Quando ella percebe pela expressão delles que todos já têm a resposta preparada, dirige-se a Eduardo).
 Eduardo — Porque machucariamos nossos pés.
 II. Professora — E si vocês estivessem acostumados a andar sempre descalços, poderiam jogar sem se magoar? Explique isto, Celio.
 Celio — Sim, porque teriamos a planta dos pés coriacea.
 Professora — Vocês sabem o que Celio quer dizer com esta palavra coriacea?

Os instrumentos geralmente empregados para traçar o angulo recto chama-se esquadro.
 A linha que forma com outra angulos rectos ou, como costumamos dizer que cahiu sobre outra sem inclinar para os lados se diz que é — perpendicular. Dem-me um exemplo de rectas perpendiculares.

A. — As varetas do papagaio de papel.
 P. — Muito bem! Ha aqui na sala exemplos como: o pé da mesa com as taboas, etc.
 Quando as rectas se encontram e uma está inclinada em relação a outra, damos a esta o nome de obliqua. Por exemplo: a alavanca do bonde com o fio. Quero um outro exemplo; qual de vocês me dá?
 A. — O signal de multiplicar.
 P. — Bem. Reparem que os angulos não são iguaes; um é agudo e o outro?
 A. — Obtuso.
 P. — Qual dos dois é maior?
 A. — O obtuso. $\frac{1}{2}$
 P. — Muito bem. Vejamos agora si as linhas pelo encontro das taboas do assoalho tambem se encontram.
 A. — Não se encontram.
 P. — Pois bem! As duas ou mais linhas que não se encontram por mais que se prolonguem damos o nome de *parallelas*.
 Vejamos quem é capaz de mencionar outras linhas parallelas.
 A. — As linhas de bonde, as pautas do caderno.

Celio — Quero dizer que a sola de nossos pés ficaria grossa por estar em contacto directo com o chão.

Professora — Comparem a pelle da palma das mãos com a das costas das mesmas (Pausa). Qual de vocês será capaz de fazer alguma observação a respeito?

Eduardo — A pelle da palma da minha mão é mais grossa, porque é mais usada.

Professora — Porque é que as luvas e as solas dos sapatos não ficam mais grossas com o uso, como acontece com a pelle dos pés e das mãos? Quero uma boa resposta, e pensem primeiro antes de dabal-a.

Cada alumno dá sua resposta e é escolhido o seguinte:

Eduardo — Nossa pelle é formada por cellulas vivas e as luvas e sapatos não o são.

Professora — Qual de vocês é capaz de ir ao quadro negro mostrar na figura, exactamente, o que

fazem essas células vivas para tornar nossa pele mais grossa.

Celso dirige-se ao quadro negro e mostra como as células arredondadas da derme se tornam mais chatas, mais duras e mais callosas, e depois ledo, volta-se para seu lugar, pensando que sua resposta está completa.

Professora — Então a derme fica mais fina à medida que a epiderme se torna mais espessa? (Ha uma pausa, até que cada um descobre por si o que Celso esqueceu).

Elle volta ao quadro negro e mostra como as novas células na derme substituem constantemente as outras que se tornam parte da epiderme.

Professora — Agora, esfreguem levemente as costas das mãos e vejam se podem arrancar alguma célula. (Elles o fazem). Porque se levantou só uma?

Ernesto — Porque ella estava morta.

Professora — O processo que Clifford acabou de descobrir, dá-se sómente nas solas dos pés e nas palmas das mãos? Não respondam até que possam fazel-o satisfatoriamente.

Eduardo — Não, dá-se em todo o corpo. As células estão sempre morrendo e desprendendo-se nas nossas roupas, e quando tomamos banho, limpamos uma grande quantidade.

Terminada a palestra a professora faz o seguinte resumo, que os alumnos conservam para usar no seu summario a respeito da pelle em geral:

1. As células vivas da derme, morrem e desprendem-se constantemente.

2. As células da derme transformam-se continuamente em células egueas ás da epiderme e tomam o lugar das que morreram.

3. Nascem constantemente novas células na derme.

Iniciando novamente a palestra, a professora pergunta:

— Alguem de vocês já queimou a mão e ficou com grande bolha?

Todos — Sim.

Professora — Numa bolha a pelle está separada do resto do corpo, por isso é uma boa oportunidade para estudal-a. Si pensarmos bastante, veremos que uma bolha pôde nos ensinar muitas cousas. Qual de vocês poderá dizer qual é a differença da pelle de uma bolha da do resto do copo?

Eduardo — Não dóe quando fincamos um alfinete nella.

Professora — Então? ..

Eduardo — Não ha nervos na mesma.

Celso — E não sangra tambem, por isto não contém vasos sanguineos.

IV. Professora — E' verdade, porém, acabamos de aprender que estão se formando sempre no-

vas células na pelle. Como podem nascer novas células sem vasos sanguineos para alimental-as? (Pausa). Si ninguém é capaz de responder, ella ajuda com a pergunta seguinte.

Professora — Onde foi que aprendemos que nascem as células?

Ernesto — Na derme.

Professora — Agora, diga-me o que você pensa?

Ernesto — Uma bolha separa a epiderme da derme.

V. Professora — Isto está errado, não está, meninas?

VI. Eduardo — Não.

Professora — Mostra si a resposta de Ernesto está certa ou errada, Celso.

Celso — Não ha vasos sanguineos na pelle de uma bolha, por isto deve ser a epiderme, porque as células nascem na derme e não podem fazel-o sem vasos sanguineos para alimental-as.

Professora — Por conseguinte, Ernesto...

Ernesto — Uma bolha separa a epiderme da derme.

Professora — Que sabem agora a respeito da epiderme?

Eduardo — Que ella não contém nervos nem vasos sanguineos.

Professora — Acham isto bom ou mau?

Eduardo — Achamos bom, porque, si contivesse vasos sanguineos, sangrariamos á menor arranhadura.

Professora — Já cortaram alguma vez a pelle de uma bolha?

Ernesto — Já.

Professora — Arrependeu-se de o ter feito?

Ernesto — Sim, porque dóia todas as vezes que alguma cousa encostava nella.

Professora — Pela observação de Ernesto, você pode dizer a differença que ha entre a derme e a epiderme, Celso?

Celso — A derme contém nervos, e a epiderme não.

Professora — Quem é capaz de assignalar outra differença?

Eduardo — A derme contém vasos sanguineos e a epiderme não.

VII. Professora — Agora ponham este resumo em forma de esboço no livro de notas de vocês.

LIÇÃO II

(Por outra professora)

Ia. Professora — Ernesto, vá ao quadro negro e faça um resumo do que já sabemos a respeito da

pelle. (Ernesto assim o faz, com o auxilio da professora de vez em quando).

Ib. Professora — Eduardo, qual é o assumpto da nossa lição hoje?

Eduardo diz alguns factos dos quaes se lembra por ter lido a lição).

III. Professora — Quaes são as mudanças que dão constantemente na nossa pelle?

Celso — As células mortas desprendem-se continuamente nas nossas roupas e quando tomamos banho.

IVd. Professora — Então porque é que não se desprende toda, afinal?

Ernesto — Porque as células novas que ficam atraz estão sempre prontas para tomarem o lugar das que morrem, do mesmo modo que a linha de frente de uma batalha não se quebra, porque novos soldados estão sempre promptos a preencherem os logares dos que morreram.

Ve. Professora — Celso, onde nascem as novas células?

Celso — Na epiderme.

VIf. Professora — Não, Celso, você não estudou bem a lição. Ernesto, diga-nos.

Ernesto — Na derme.

Professora — Onde é mais grossa a pelle?

Eduardo — Nas palmas das mãos e nas solas dos pés.

Professora — A epiderme contém nervos e vasos sanguineos?

Celso — Não.

Professora — E a derme?

Ernesto — Sim.

Porém, não é necessário assistirmos esta aula por mais tempo. Já sabemos que, si os alumnos não obtiveram uma noção clara pelo estudo que elles proprios fizeram antes da lição, esta não servirá para augmentar-lhes os conhecimentos. Não é preciso discutir todos os pontos da lição. Vejamos alguns apenas.

COMPOSIÇÃO DOS DOIS METHODOS

Lição I

I. (Vide numero correspondente na lição I.) A professora faz uma pergunta a respeito do jogo em que tinham tomado parte pouco antes e pelo qual elles se interessam. Faz pergunta e depois espera até

que cada qual tenha a resposta na cabeça, antes de chamar algum d'alles. Deste modo, todos chegam ao mesmo tempo.

II e III inclusive. Cada pergunta tem, relação com a resposta precedente. A professora conduz as crianças, naturalmente, do assumpto no qual estavam pensando, para o resumo que ella queria fazer. Faz a pergunta e, se percebe que todos immediatamente, têm uma resposta na cabeça, dirige-se logo a um d'alles.

Todavia, se a pergunta é difficil, como a IV, a professora faz uma pausa e deixa cada qual pelear para descobrir a resposta por si mesmo. Quando Ernesto chega, finalmente, a uma conclusão, ella diz: (V) "Está errado, não está meninos? Si não tiverem aprendido a ter confiança em seus proprios julgamentos, estarão apanhados."

IV. Porém, Eduardo mostrou pelo seu "Não" que sabe o que está dizendo.

VII. Este summario mostra que a lição não foi uma serie de factos sem interesse aprendidos de cór. Raciocinaram por si mesmos e ser-lhes-á facil lembrar das respostas, porque, pelo raciocinio, "ellas não podem ser de outra maneira". Além disso, a lição se relaciona com factos da vida quotidiana, taes como a bolha causada pela queimadura.

Lição II

Ia. Pela primeira palavra da professora "Ernesto", Eduardo e Celso sabem que ainda não é preciso estarem attentos á lição. Ernesto foi mais infeliz. Distrahido e de má vontade, faz um esforço para lembrar-se da explicação arida da lição passada. A professora ajuda-o, sem incomodar Eduardo nem Celso.

Ib. Alguns factos dos quaes Eduardo se lembra, por acaso, dão uma boa resposta á esta pergunta. A professora não tem nenhum fim particular ao fazel-a, ou em salientar qualquer facto da lição.

IIIc. Celso pôde responder isto, sem ter prestado muita attenção ás duas perguntas precedentes.

IVd. Uma boa pergunta.

Ve. Ha duas respostas possiveis.

Si Celso tivesse aprendido a raciocinar, não teria escolhido a que escolheu.

VIf. Depois desta observação, não era preciso muito raciocinio da parte de Ernesto para chegar á conclusão certa.

(Adaptado da revista americana "Popular Educator").

Ha sempre belleza e grandza na devoção duma vida inteira a um sentimento de ternura ou de bondade. João Grave.

ORTHOGRAPHIA BRASILEIRA

Um plano orthographico approved
pela Academia Brasileira de Letras

NUMA das suas ultimas sessões, — noticiou o *Journal do Brasil* — a Academia Brasileira de Letras tratou de um problema de alta relevancia: a questão da orthographia portugueza.

E nessa occasião o dr. Laudelino Freire viu o Formulário Orthographico da *Revista de Lingua Portuguesa*, que é de elaboração sua, approved officialmente, e por unanimidade, por aquella illustre companhia.

“O sr. Laudelino Freire, que é um dos mais vigorosos puristas brasileiros, ha muito que se preoccupa com a anarquia reinante na orthographia das palavras da nossa lingua. Por isso, elle elaborou, ha tempos, o seu plano.

Terminado esse plano, o sr. Laudelino Freire apresentou-o á consideração de Ruy Barbosa. Esse grande e puro mestre do vernaculo, um dos mais grandes concededores do idioma que ainda têm apparecido no Brasil, apoiou o systema do sr. Laudelino Freire. E lhe disse, então, estas palavras: “Seu plano está muito bem organizado. É de facil applicação e digno de ser adoptado pela *Revista de Lingua Portuguesa*.”

Ruy Barbosa, porém, apresentou algumas suggestões, que achava conveniente serem adoptadas no plano do sr. Laudelino Freire. A mais importante destas suggestões consistia em mandar que o infinitivo dos verbos, quando seguido do pronome, fosse graphado com a forma “lo” e não como se escreve communmente, com “l”, assimilado ao verbo e a forma “o”, separada.

Tendo ouvido o illustre Ruy Barbosa, o sr. Laudelino Freire procurou o barão Ramiz Galvão, a quem tambem sujeitou a apreciação do seu plano orthographico. Grande autoridade, tambem, em vernaculo, o barão Ramiz Galvão apenas encontrou a apresentar rétoques insignificantes, e todos elles atinentes a questões de etymologia.

Emfim, o sr. Laudelino Freire ainda procurou as opiniões do sr. João Ribeiro e Daltro Santos, os quizes approvaram, com insignificantes resalvas, o seu plano.

COMO SE DEU A DISCUSSÃO NA ACADEMIA

Na ultima sessão da Academia, o sr. Silva Ramos tomou a palavra para tratar da questão orthographica.

Sabe toda gente que o sr. Silva Ramos é o mais ferrenho dos defensores da orthographia official da Academia de Lisboa. E, de resto, já essa paixão mo-

tivou uma espirituosa pilheria do sr. João Ribeiro — que acertou de appellar o sr. Silva Ramos de gallego honorario.

O sr. Silva Ramos declarou que continuava a defender, com ardor e convicção, a orthographia official portugueza. E longamente apresentou as suas razões para defender esse systema orthographico. Entretanto reconhecia que si a Academia pretendia approvar o plano official portuguez, tinha um plano excellente para accetear, que era o do sr. Laudelino Freire. Certas idéas do sr. Silva Ramos, então apresentadas, motivaram protestos dos sr. Carlos de Laet e Laudelino Freire.

Emfim, posta em votação a questão, foi o plano do sr. Laudelino Freire approved por unanimidade. Apenas o sr. Silva Ramos discrepou dessa unanimidade — mantendo-se fiel á orthographia official portugueza.

O plano do sr. Laudelino Freire foi, pois, approved na integra.

Apenas quatro das regras do plano Laudelino Freire mereceram substitutos dos sr. Carlos de Laet e João Ribeiro.

Adiante indicaremos essas alterações.

FORMULARIO ORTHOGRAPHICO

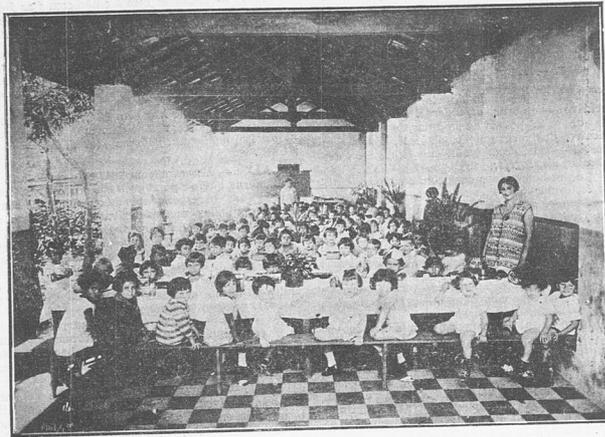
O Formulário Orthographico do sr. Laudelino Freire, que mereceu a approvação unanime da Academia, consta de cincoenta e quatro regras. E estas regras estão resolvidas todas as difficuldades e todas as ambigüidades, existentes no idioma, hoje em dia:

Eis essas regras:

I. — Proscriver o apostropho nas contracções da preposição de com os pronomes pessoas da 3.ª pessoa — *delle, della, delles, dellas*; com os pronomes demonstrativos — *disto, disso, daquillo*; com os adjectivos articulares — *do, da, dos, das, dum, da-ma, duns*; com os adjectivos demonstrativos — *deste, desse, daquelle, desta, dessa, daquella, destes, desses, daquelles, destas, desses, daquellas*; com os adverbios *ahi, aqui, ali, antes e onde*; *dahi, daqui, dali, dantes, donde*; e, finalmente, com a preposição *entre* — dentro.

II. — Proscriver o apostropho na combinação da preposição em com os pronomes da 3.ª pessoa — *nello, etc.*; com os pronomes demonstrativos — *nisto, etc.*; e com os adjectivos demonstrativos — *nesta, etc.*

III. — Proscriver o apostropho nas formas em que o pronome pessoal accusativo da 3.ª pessoa toma a forma *NO, NA, NOS, NAS*, junto aos verbos acabados



ACABANDO DE MERENDAR — ESCOLA INFANTIL «DELFIN MOREIRA» (CAPITAL)

em desinencia nasal — *amam-no, cobrem-na, cobrem-nos, dispõem-nas*, e não *amam-n'o, etc.*

IV. — Proscriver o apostropho nas formas compostas dos adjectivos demonstrativos — *casoutro, etc.*, *nestoutro, etc.*, *destoutro, etc.*, *aquilloutro, etc.*, e nas expressões vocabulares — *destarte, dessarte, daquellarte, outrora*.

V. — Proscriver o apostropho nos dativos dos pronomes pessoas (casos obliquos), *me, te, lhe*, com os accusativos *o, a, os, as*, — *mo, to, lho, mos, tos, lhos*, e não *m'o, t'o, etc.*, e semelhantemente nas ligacões destes com os pronomes *nós e vós*, — *no-lo, vo-lo*.

VI. — Graphar com *em* as formas verbaes, exceptuadas as do futuro e as monosyllabicas; e com *do* os demais vocabulos, accentuando-se, porém, a syllaba tónica dos anoxítonos: — *amaram, deveram; amarão, deverão; dão, são; verão, corarão, órgão, sôtão*, (V. nota 1.ª).

Obs. — As palavras em *ão* formam o plural segundo os tres modos de uso — *ãos,ães,ões*; e as palavras em *am*, acrescentando-se-lhes *o s* — *orgams, acordams*.

VII. — Graphar com *ã* as palavras oxítonas, as femininas dos nomes em *ão* e os monosyllabos, e com

an as anoxítonas — *manhã, talismã, imã; irmã, al-deã, castelhã, villã, christã; vã, lã, sã; orfan*.

VIII. — Escrever o ditongo *ae*, e não *ai*, nas syllabas finais — *paç, mãe, daç, amas, ohaç, rogaç*.

Obs. — Manter-se não as palavras *mais jamais, demais*, e outras que não possam mais ser alteradas.

IX. — Escrever com *u* os ditongos *ao, eo* e *iu* — *sarua, mau, grau; meu, judeu, lyceu, réu, céu, mcreu; viu, distribuiu, fugiu, suu, psiu*.

Obs. I. — Manter a desinencia *io*, nas palavras em que este digramma não formar ditongo — *frío, fio, rocio, rio, tio*.

Obs. II. — A 3.ª pess. do s. do pret. perfeito dos v. da 3.ª conjugação, segundo a regra, termina em *iu*, com excepção da 3.ª pess. do pret. do verbo *vir* — *veio*, e não *veiu*.

Obs. III. — Manter, em obediencia ao uso, a graphia *eo* nas palavras em que o e for aberto — *veo, çeo, chapéo, réo, labéo*. (V. nota 2.ª).

X. — Graphar indifferentemente o ditongo *oi*, ou *oi*, consoante a euphonia — *loiro, noite; touro, thesouro*.

XI. — Escrever com ES, e não is, o plural dos nomes em *al, oi, ai, uí* — *capitães, reis, países, quacaxitães, canoas, anzóis, soes, lençóis, azues, tafues*.

XII. — Escrever com Z os finais agudos em *az, ez, is, oz, u, uz* — *assaz, zadrez, perdiz, veloz, arcabuz*.

- Obs. — Exceptuam-se desta regra:
- a) os pronomes *não* e *o*
 - b) a 2.ª pessoa do singular do futuro do indicativo — *amarás, offendêrás, trás, porás;*
 - c) a 2.ª pessoa do singular do pres. do indicativo dos verbos monossilábicos, e seus compostos — *dás, desdás, vérs, crês, lês, revés, descrês, trestês, rís, sorrís;*
 - d) os nomes formados com o sufixo locativo *ês*, evolução de *ense* — *português, inglês, montanhês, marquês, burguês, camponês, cortês, freguês, pedrês;*
 - e) as palavras seguintes, que não devem ser alteradas — *alôs, atravês, invês, travês, revês, mêz, tres, pás, após, empôs, e* os latinismos geralmente adoptados, *bis, jus, plus;*
 - f) os diversos tempos dos verbos *querer e pôr*, com os seus compostos — *quis, quizeses, compus, compôs, disputês, etc.*
 - g) o plural das palavras terminadas em vogal longa — *pês, cêfs, frenesiz, teórs, perís.*
 - h) nas palavras oxítonas em *os, es, is, os, us*, será adoptada a graphia com letra final Z, excepto nos plurais sempre com *s*, nas fórmulas pronominaes e nos verbos: *dás, crês, amarás, promitteas* e nas particulas *mas* e outras nos latinismos *pus, sus, jus*, que se devem escrever com *s*. (V. nota 3.ª)

XXII. — Escrever com *s*, e não Z, o prefixo apertuguesado, quer pessoas, quer locaes, serão escriptos com Z final, quando terminarem em syllaba longa, e com s, quando em syllaba breve — *Thomaz, Garcez, Queiroz, Andaluz, Alvares, Pires, Nunes, Dias, Vasques, Peres*.

Obs. — Os nomes *Jesus e Paris*, conservam o *s*, visto a difficuldade de qualquer alteração.

XIV. — Conservar nos nomes proprios estrangeiros as fórmulas correspondentes vernaculas que forem de uso — *Antuérpia, Berna, Cherburgo, Colonia, Escadnavoria, Escaldia, Londres, Marselha*.

Obs. — Sempre que existam fórmulas vernaculas para os nomes proprios, quer personativos, quer locativos, devem ellas ser preferidas.

XV. — Escrever com Z, e não com *s*, as palavras derivadas do latim, nas quaes haja *e* ou *t* a que corresponda o *z* portuguez — *juizo* (judicium), *viziño* (vicinus), *vazio* (rationem), *prazo* (placium), *prezar* (pretiare), *rezo* (vitiium), *rezar*, (rectitare) e *zir* — *fazer, jazer, apuzar, bendizer, desfazer, conduzir, produzir, indrizer, luzir, cozer* (ao lo e seus compostos).

Obs. — Escrever-se ha *cozer* (com *s*) quando significar ligar por meio de ponto, e do mesmo modo os seus compostos — *recozer, descozer*.

XVI. — Escrever com Z e não com *s* as flexões (z) *inho* (z) *ito*, dos diminutivos — *paizinho, mãozinha, florzinha, pobrezinha, pobrezito, avezita*.

XVII. — Adoptar invariavelmente nos verbos e palavras delles derivadas a graphia *IZAR* com Z, exceptuados aquelles em que o radical portuguez termina em *s* — *colonizar, civilizar, indemizar, colonizacia, civilizacia; avisar, precizar, avalisado*.

XVIII. — Escrever com Z e não com *s*, as palavras que no portuguez se derivam de adjectivos — *bellezza, madurezza, pobreza* (suff. *eza* = *itia* do latim).

XIX. — Escrever com *ESA, ESO, e não eza, ezo*, as palavras que no portuguez são primitivas, como as suas correspondentes de origem, e de conformidade com ellas, as suas derivadas — *empesa, despesa, defeza, surpresa, framboeza, presa, devesa, represa, Teresa, accesa, illesa, toesa, interpresa, defeso, peso, obeso, teso, empresario, mesario, etc.*

XX. — Escrever com *s*, e não Z, os verbos, oriundos do latim, terminados em *sar* — *accusar* (accusare), *recusar* (recusare). Obs. — Exceptuam-se *gozar, de gozo* lat. (gaudium), e os verbos de formação vernacula, derivados de palavras de syllabas finaes agudas — *cruzar* (cruz), *arcabuzar* (arcabuz), etc.

XXI. — Escrever com *s*, e não Z, os substantivos, os adjectivos e os particípios de origem latina terminados em *aso, ato, iso, isa, oso, oso, usa, uso, caso, aso, occaso, vaso, asa, casa, vasa, brasa, viso, conciso, aviso, graniso, paraíso, isio, guiso, liso, friso, narciso, brisa, frisa, camisa, divisa, pesquisa, incisa, espasa, glosa, rosa, raposa, glosa, entrosa, tosa, prosa, uso, abuso, liso, fuso, escuso, infuso, conclusio, confuso, profuso, reclusa, intrusa, escusa*.

XXII. — Escrever com *s*, e não Z, o prefixo *trans*, nesta com as fórmulas *tras e tres*, e coherentemente as suas derivadas — *atrás, atrás, atrasadamente, detrás, transação, transigir, transandar, transandino, transação, transoceanico, transatlantico, trasero, transordinario*.

XXIII. — Escrever com *s*, e não Z, o feminino dos substantivos que tiverem a desinencia *esa* ou *isa*, — *baronesa, duquesa, princesa, consulesa, sacerdotisa, poetisa, diaconisa, prophetisa*.

XXIV. — Escrever com terminação *oso*, e não *ozo*, todos os adjectivos derivados com este sufixo abundancial — *doloroso, formoso*.

XXV. — Empregar, finalmente, *os*, ou *z*, como se conclue das regras precedentes, obedecendo aos preceitos da etymologia.

XXVI. — Manter o *H* inicial e o *h* medio, este para indicar o hiato necessario á pronuncia — *hoje, hirto, halito, hakiá*, (para não ficar *Bahi*), *ahi* (ah), *baku* (baú).

Obs. — Nos verbos *chir, sair, admitir-se* ha o acento agudo nas fórmulas em que este fór ahi preciso, para evitar a ditongação do *a* e do *i* — *sáia, cáia, traía; cai, sai, traí, etc.*

XXVIII. — Supprimir o *H* intermedio de vogalues — *emprederer, comprehendere, coorte*.

XXVIII. — Responder á pergunta de *h* no grupo *CH* (com o som de *h*), quando se lhe seguir immediatamente *a*, ou *o*, nos casos em que o uso geral já o tenha desterrado: *caracter, escola, côro, corda, mecanica, éco, época*.

XXIX. — Manter a substituição do *PH* grego por *F* nos casos já pelo uso admitidos e naquelles em que essa tendencia se dá vacillando — *fantasma, fantasia, frenesi, fiesma, freuma, fraime, frase*.

XXX. — Respeitar a supressão do *H* no grupo *RH* nas palavras já pelo uso simplificadas, e operadas em que o uso ainda vacille — *rapso dia, rombo, rythmo*.

XXXI. — Respeitar a substituição do *TH* por *t* nos casos já pelo uso sancionados, e effectual-nos em que elle ainda vacille — *tio, treno*.

XXXII. — Nos casos de intercalação pronominal nas fórmulas do CONDICIONAL dos verbos, manter a terminação destes sem o *H*, e ligada por hífen — *amar-vos-ia, dir-me-iam, dar-vos-iamos*.

Obs. — Escrever, porém, as fórmulas auxiliares do FUTURO sem hífen, mantido o *h*: *loucar-me has, frequentar-nos háo, di-lo he mos*.

XXXIII. — Eliminar o *C* insonoro, quando fígure entre *u* e *t* — *ponto, instanto, extinto, adjunto*.

XXXIV. — Respeitar a supressão do *C* insonoro nas palavras em que já a tenha sancionada o uso autor, *luta, satisfação, dito, praticar, tratar*.

XXXV. — Supprimir o *P* inicial do grupo *ps* nas palavras gregas e ainda latinias, onde a pronuncia do *no* exigir *salmo, salmer, salterio, salmista; psicologia, psicose, pseudo, pseudonymo*.

XXXVI. — Não começar palavra pela consoante impura *s*, isto é, quando na dígão ella representar uma syllaba, substituindo-a por *es* — *estripe, estremo, eslavo, estete, estigma, estepe*.

XXXVII. — Eliminar o *s* final da syllaba atona, quando precedido de *e* — *certame, ditame, espe-cime, germe, regime, nume, tentame, acume, alume, etc.*

Obs. — Escrever-se háo, *porém, lichen, glutem, pollen, dolmen, Eden, adobem, hífen* em obediencia á pronuncia.

XXXVIII. — Não terminar a escripta de nenhuma palavra pela syllaba *in*, mas *im* — *marfim, emfim, Benjamim, Frankim*.

XXXIX. — Nos *cr* em que o uso vacilla entre a consoante dobrada e a singela, adoptar esta — *boca, meter, falar, gola, letra, cutelo, mala, camelo, mata, martelo, capelo, etc.*

XL. — Manter a letra 'geminada sempre que a consoante do prefixo se transforme, por atracção ou assimilação, numa consoante identica á inicial da palavra a que se antepõe o prefixo, como ocorre com *ac*, que muda para *cc*, *ag*, *al*, *an*, *ap*, *ar*, *as*, *at* — *acacá, que muda para cca, agarrar, aludir, annunciar, apellar, arrefecer, assigir, attingir*; com o prefixo *em*, que se conserva — *emmurchecer, emmaranhar*; com o prefixo *in*, que se transforma em *im, il, ir*, — *immortal, illuminar, irrepresentvel*; com o prefixo *sob* *mortal, illuminar, irrepresentvel*; com o prefixo *so*, que se transmuda em *sof, suf, soe, sic, sup*,

sar, soffrer, sufficiente, socorrer, succeder, supplanar, surripior; e ainda com os prefixos *dis, ex, ob e syn*, tambem assimilaveis — *diffundir, effluvio, oppor, syllaba*.

Obs. — Nas palavras que nos vieram do latim com o prefixo *ad* assimilado, dobrar-se ha a consoante; mas, os compostos forem vernaculos, a consoante será singela, porque o nosso prefixo *á* — *apromptar, apunhalar, adoçar, abotoar, adiar, acertar, afugurar, aproar, alinhar, afinar, apesoor, aproufadar, aproximar, aciliar, agremiar, afroular, aterrar*.

XLI. — Manter a geminação sempre que da simplificação da consoante se origine HOMOGRAPHIA — *gramma* (peso), *gramma* (erva), *chamma* (substantivo), *chama* (verbo), *pena e pena*.

XLII. — Não dobrar em nenhuma palavra a consoante *b* — *abade, rabino, giba, sabado, abacial, abadia, abadengo*.

XLIII. — Escrever com um só *l*, e não *dos ll*, as palavras em cuja formação entre o sufixo *ella*, quer as que sejam oriundas do latim ou outras, qualquer lingua, quer as de origem ainda não averiguada, quer, finalmente, as que tenham derivação vernacula — *panela* (do lat. *inella*), *panella* (do lat. vernaculo *panella*) — *canela, chinele, capela, ciendela, corcuptela, vitela, fipele, canela, baizela, caxela, aquarela, sentinela, beringela, armela, balela, tagarela, parrellela, furdalela, comidela, eustadalela, molhadela, olhadela, succidellela, costela, gurelela, etc.*

XLIV. — Na graphia do infinitivo em combinação com artigo pronomine, escreva-se *amal-o, puni-lo* em vez de *amá-lo, puni-lo*, isto é, separando-se por um traço de união a forma articulada e o não lo. E assim tambem nas combinações dos pronomes *nós* e *vós*: *nó-lo, vó-lo* (V. nota 4.ª)

XLV. — Escrever com *iar*, em vez de *oar*, os verbos derivados de nomes em cuja terminação houver a vogal *i* — *negociar, commerciar, cadilar*, (negocio, commercio, vadio), *licenciar e presenciar* (*licencia e presenção*). Nos demaés casos escrever *EAR* — *sortear, romancear, passar, cair, desfear*.

Obs. I. — A epenthese do *i* só se faz nas tres pessoas do sing. e no 3.º do plural do presente do indic. na 2.ª do sing. do imper. e nas tres pessoas do sing e 3.º do plur. do presente do subjunctivo.

Obs. II. — Por influencia da conjugação em *e* desta ultima classe de verbos — *sorteio, os, romancio, os, passio, as, etc.* — muitos verbos em *air* confundiram-se com aquelles, na conjugação, como em *ansio, as, remedio, as*, (que devia ser *ansio, as*), *emister, porém, evi*, (que devia ser *ansio, as*), e assim por diante. Deve escrever-se *commercio, as, vadio, as, etc.* O verbo *criar* será escripto e conjugado com *i* — *crio, crias, etc.* e, consequentemente, *escriver-se-á* em qualquer accepção — *criador, criatura, criado, criador, criada, cricianco*. O verbo *rezezar*, porém, será escripto com *e*, segundo a sua conjugação em *i* — *recreio, as, etc.*

XLVI. — Graphar o grupo vocallico *EA* em lugar de *EIA*, nas palavras em que o *e* fór aberto —



palavras possíveis, com os elementos de cada lição estudada.

Segue-se um jogo interessante que contribua para que a lição tome um caracter mais alegre e atrahente.

JOGO DOS CARTÕES

Nas extremidades do quadro, escrevem-se, com giz de diferentes cores, diversas palavras conhecidas dos alumnos. Em cartões, com as mesmas cores do giz, outras palavras. Chamado um alumno de cada partido em que se divide a sala, elle terá que ler, no quadro e nos cartões, todas as palavras escriptas com a cor designada pela professora. Por exemplo: A professora dirá: — verde. O alumno lerá as palavras escriptas em verde, no quadro, e as dos cartões verdes.

O alumno que terminar primeiro terá direito a um ponto para o seu partido.

Corridos todos os alumnos da sala, o partido vencedor será aquelle que tiver obtido maior numero de pontos.

Este jogo, que tem por objectivo firmar as palavras estudadas, trará tambem a vantagem do conhecimento exacto das cores.

P. — Quem será capaz de formar palavras novas com os pedacos que aqui estão ?

A. — Eu sei fazer a palavra *oia*.

Escribe o e ajunto *tha* de *velha*.

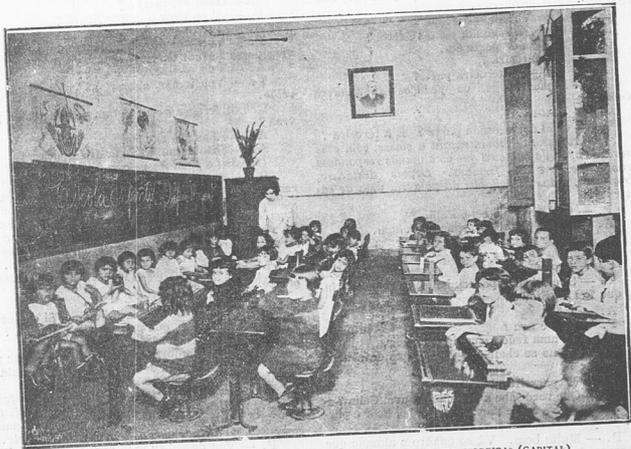
P. — E si antes do *tha* eu escrever i ?

A. — Fica *iha*.

P. — Vocês, com certeza, nunca viram uma ilha. Todos. — Não, senhora.

P. — Pois no dia da nossa excursão ao Parque, poderão vê-la. É uma porção de terra rodeada de agua.

A professora fará esse exercicio com todas as palavras da lição, ora escrevendo as syllabas com giz de cor, ora destacando-as pelo quadro, outras vezes cobrindo uma dellas para que o alumno leia a outra. A sua maior preocupação será a de formar todas as



EMPREGO DOS APPARELHOS (MONTESSORI) — ESCOLA INFANTIL «DELFIN MOREIRA» (CAPITAL).

LIÇÃO DE LINGUA PATRIA

MARIA RITA BURNIER

SEGUNDO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

CONVERSA COM OS ALUMNOS. REPRODUÇÃO DE HISTORIETAS, COMO NO PRIMEIRO ANNO. SUBSTANTIVOS PROPIOS E COMMUNS. (Do programma do ensino primario).

QUINTA LIÇÃO DA SERIE E SEGUNDA RELATIVA AO SEGUNDO ANNO

PROFESSORA — Roberto e Margarida, estes dois meninos que vocês vêm aqui, são irmãos. Roberto tem dez annos e Margarida oito. Frequentam ambos o segundo anno do grupo escolar e a professora não se cansa de elogial-os. Tambem quando levam seus boletins para casa, já se sabe, é só dez.

Procedimento, dez. Aplicação, dez. Hygiene, dez. Aproveitamento, dez.

Estudam com muito prazer suas lições e ninguém leva os deveres feitos com mais capricio; os cadernos muito limpinhos, a letra muito bonita.

Faz gosto ver-se como Roberto e Margarida são amigos.



ROBERTO E MARGARIDA

Tanto na escola como em casa, não se separam, não discutem, sempre unidos e amiguinhos.

Este anno, pelo Carnaval, a mamãe vestiu-os de camponeses, á moda de Portugal.

Ficaram muito engraçadinhos e, pelas ruas, todos paravam para vel-os.

Agora estão de passeio em uma fazenda que o papae possui perto da cidade onde moram. (*Apartando a gravura*). Aquil está á fazenda: Berço das Flores. Antes de vir para o campo, Roberto teve uma idéa e disse á irmã: — Margarida, e si nós levassemos a nossa phantasia para vestir lá ? Os camponeses vivem no campo... Que dizes ?

— Que bello ! respondeu Margarida, vamos pedir á mamãe. E lá se foram os dois, a correr, á procura da mamãe.

D. Emilia, a boa mãezinha, concedeu logo a licença pedida e aqui estão os dois no terraço da fazenda, vestidos de camponeses.

Roberto levantou-se muito cedo, antes do papae e da mamãe e foi á cozinha, pedir á Camilla, a velha cozinheira, o café com leite para elle e para a maninha.

Tia Camilla que é louca pelas duas excellentes creanças, preparou logo um cafézinho quente e cheiroso e arranjou o bules e as chicaras em uma bandeja, que entregou ao menino.

Vejam com que alegria Roberto offerece á maninha o café quentinho e perfumado.

Margarida poz o dedinho na bocca e disse-lhe: — Mas, Roberto, eu é que devia ir arranjar o café para nós... Mamãe sempre diz que são as meninas que têm obrigação de fazer estes serviços de casa...

— Ora, Margarida, deixa-te disso, respondeu Roberto: eu para te ver contente, sou capaz até de fazer um jantar inteiro... e com peru e farofa !...

P. — Quem sabe dizer-me quem são e como se chamam estes dois meninos ?

(*Signal dos alumnos*).

P. — Responda, José.

A. — Estes dois meninos são irmãos; o menino chama Roberto, a menina chama Margarida.

P. — Estará correctea a phrase do José ?

Quem souber corrigil-a, dê signal.

(*Signal dos alumnos*).

P. — Responda, Maria.

A. — O menino chama-se Roberto, a menina chama-se Margarida.

P. — Agora, sim. Na lição passada, ensinei, expliquei muito que é erro grave dizer-se: Eu chamo Augusto, você chama Antonio, elle chama Roberto. Devemos dizer: Eu me chamo Augusto, você se chama Antonio, elle se chama Roberto. Repita a phrase correctea, José.

A. — O menino chama-se Roberto, a menina chama-se Margarida.

P. — Bem. Quero agora que me digam o nome da mamãe.

(Signal dos alumnos).

P. — Diga, Aluisio.

A. — A mamãe chama-se d. Emilia.

P. — E a cozinheira, que nome tem?

(Signal dos alumnos).

P. — Responda, Eunice.

A. — A cozinheira chama-se Camilla.

P. — Aposto que não sabem o nome desta fazenda.

A. A. — Berço das Flores.

P. — Agora prestem atenção. Quero que me digam o nome de todas as cousas existentes nesta gravura. (Indica os motivos da gravura).

A. A. — Janella, chicara, bandeja, cortina, rosas, vaso, sapatos, ladrilho, blusa, calças, gorro, saia, catellos, leão, parede, dedão, meias.

P. — Agora vão dizer o que através dos vidros das janellas vemos lá fóra. (Continuando a indicar os motivos da gravura).

A. A. — Estrada, moinho, casa, grama.

P. — Todas essas palavras que vocês acabam de dizer, indicam uma pessoa ou uma coisa, são nomes de pessoas ou de cousas. Roberto é nome de pessoa; janella é nome de cousa; Berço das Flores é nome de logar, logo é nome de cousa. Margarida é nome de?

A. A. — Pessoa.

P. — Bandeja é nome de?

A. A. — Cõusa.

P. — E Camilla?

A. A. — E' nome de pessoa.

P. — Sapato?

A. A. — E' nome de cousa.

P. — Vão dar, agora, muitos exemplos de nomes de pessoas.

(Signal dos alumnos).

P. — Diga, Paulo.

A. — João, Pedro, Maria.

P. — Você, Eduardo.

A. — Carmen, Henrique, Francisco.

P. — Agora, nomes de logar.

(Signal dos alumnos).

P. — Responda, Julia.

A. — Bello Horizonte, Sabará.

P. — Você, Martha.

A. — Rio das Velhas, Pedro Leopoldo.

P. — Josephina.

A. — Queluz, Palmyra, Barbacena.

P. — Carlos.

A. — Mario, Alberto, Luiz.

P. — Quero agora nomes de cousas.

(Signal dos alumnos).

P. — Diga, Evaldo.

A. — Carteira, lapis, tinteiro.

P. — Você, Manoel.

A. — Giz, quadro negro, esponja, tympano.

P. — Você, Corina.

A. — Flór, mappa, cadeira.

P. — Você, Eunyce.

A. — opo, mesa, caderno, porta.

P. — O nome das pessoas e das cousas chama-se...

Prestem atenção, vou escrever no quadro.

(Escreve em caracteres grandes e legíveis).

SUBSTANTIVO

(Indicando os motivos da gravura). A palavra bandeja é substantivo porque é nome de cousa. A palavra Margarida é substantivo porque é nome de pessoa. A palavra chicara é substantivo porque é nome de cousa. A palavra Roberto é substantivo porque é nome de pessoa.

Substantivo é, pois, a palavra que nomeia as pessoas e as cousas.

(Escreve a definição em um dos angulos do quadro).

Substantivo é a palavra que nomeia os seres.

P. — As pessoas e as cousas também se chamam seres, porque sêr é tudo o que existe: a flór é um sêr, a janella é um sêr; Margarida é um sêr, etc.

Agora venha ao quadro, João, e escreva o nome de todas as pessoas que entram na historia de Roberto e Margarida.

A. — (Escrevendo) roberto.

P. — Lembre-se, João, do que ensinei na lição passada. O nome Roberto pôde ser dado a todos os meninos?

A. — (Corrigindo logo) Roberto

P. — Assim. Todo o nome de pessoa ou de logar deve ser escripto com inicial maiuscula.

Tenho explicado muitas vezes que inicial é a primeira letra de cada palavra. Continue, João.

A. — (Escrevendo). D. Emilia, Camilla, Margarida, Berço das Flores.

P. — Justamente, Margarida, D. Emilia, Camilla se escrevem com inicial maiuscula, porque são nomes de pessoas; Berço das Flores também se escreve com inicial maiuscula porque é nome de logar.

Os nomes das cousas, dos animaes, geralmente só se escrevem com inicial maiuscula quando vêm no principio da phrase; nos demais casos, devem ser escriptos com inicial minuscula.

Escreva, João, ao lado dos nomes que escreveu alguns outros que devam ter inicial minuscula.

A. — (Escrevendo): bandeja, pires, chicara, vaso, janella.

P. — Bem. Todas essas palavras nomeiam pessoas e cousas, logo são?

A. A. — Substantivos.

P. — E' isso mesmo. Agora prestem bastante atenção. Vão ver que ha uma grande differença entre esses substantivos. Digam-me: o nome Margarida convêm a todas as meninas? Todas as meninas têm esse nome?

(Signal dos alumnos).

P. — Por certo que não, pois nem todas as meninas se chamam assim. Da mesma fórma os nomes d. Emilia e Camilla, não convêm a todas as senhoras; o nome Roberto não convêm a todos os meninos; o nome Berço das Flores não convêm a todas as fazendas.

Já o nome mesa convêm a todas as mesas; o nome carteira convêm a todas as carteiras; o nome flór convêm a todas as flôres.

Os substantivos que não convêm a todas as pessoas ou cousas da mesma especie, chamam-se substantivos proprios; e os que convêm a todas as pessoas ou cousas da mesma especie, chamam-se substantivos communs.

D. Emilia, por exemplo, é um substantivo proprio, porque não convêm a todas as senhoras; Brasil é um substantivo proprio porque não convêm a todos os paizes; parede é um substantivo commum, porque convêm a todas as paredes; cortina é substantivo commum porque convêm a todas as cortinas.

Agora vamos formar phrases com os substantivos proprios encontrados na historia de Roberto e Margarida.

(Signal dos alumnos).

P. — Diga, Lucy.

A. — Margarida e Roberto são applicados.

P. — Você, Eugenio.

A. — A Camilla gosta muito dos meninos.

P. — Você, Luis.

A. — D. Emilia é a mãe de Roberto.

P. — Você, Maria.

A. — Berço das Flores é uma fazenda muito bonita.

P. — Bem. Agora que já muitos outros exemplos de substantivos proprios.

(Signal dos alumnos).

(Aqui a professora vae, apenas, designando com um gesto os alumnos que devem responder).

A. A. A. — Carlos, Maria, Bello Horizonte, Barbacena, Laura, Antonio, Clara, Palmyra, Amelia, Pedro, Francisco, Rio de Janeiro, S. Paulo.

P. — Vamos, agora, formar phrases com os substantivos communs indicados pela gravura.

(Signal dos alumnos).

P. — Responda, Marcio.

A. — As chicaras estão na bandeja.

P. — Você, Alfeu.

A. — O chão é de ladrilhos.

P. — Você, Carmita.

A. — As janellas estão abertas.

P. — Diga, Luzia.

A. — Os meninos estão no terraço da fazenda.

(A professora prolongará este exercicio; muito util é elle, pois além de exercitar a dicção, a bõa pronuncia, concorre de modo effizaz para desenvolver

ver o raciocínio das crianças, facilitando-lhes os subsequentes exercicios de composição e redacção).

P. — Vejo que comprehendiram. Quero agora que me digam porque razão o substantivo janella é commum.

(Signal dos alumnos).

P. — Responda, Laurindo.

A. — Porque convêm a todas as janellas.

P. — E o substantivo Brasil porque razão é proprio?

(Signal dos alumnos).

P. — Diga, Joaquim.

A. — Porque não convêm a todos os paizes.

P. — Muito bem. Agora abram seus cadernos de Lingua Patria e copiem o que eu vou escrever no quadro.

Substantivo é a palavra que nomeia os seres.

Substantivo proprio é aquelle que convêm a uma ou algumas pessoas ou cousas da mesma especie.

Substantivo commum é aquelle que convêm a todas as pessoas ou cousas da mesma especie.

P. — Terminamos, hoje, a nossa lição de Lingua Patria. Para a proxima vez, faremos muitos e muitos exercicios sobre substantivos proprios e communs.

Tomem nota do exercicio para casa:

Escrever cinco sentenças, empregando substantivos proprios que designem pessoa.

Escrever cinco sentenças, empregando substantivos proprios que designem logar.

Escrever cinco sentenças, empregando substantivos communs.

NOTA. — Attendendo ao pedido de distinctas professoras desta capital, publico hoje uma lição para o segundo anno, reservando a do primeiro anno para o primeiro numero da Revista.

Para facilitar ao digno professorado o aproveitamento destas modestas lições, o exmo. sr. dr. Secretario do Interior, que inteiramente devotado á causa da instrucção não se descuida dos mínimos detalhes que possam cooperar para a diffusão do ensino em nosso Estado, determinou que cada uma das lições de Lingua Patria fosse illustrada pela respectiva gravura.

Essa medida vem valorizar immenso estas paginas traçadas apenas com o intuito de auxiliar a todos aquelles que se iniciam na nobre e penosa missão de educar a mocidade.

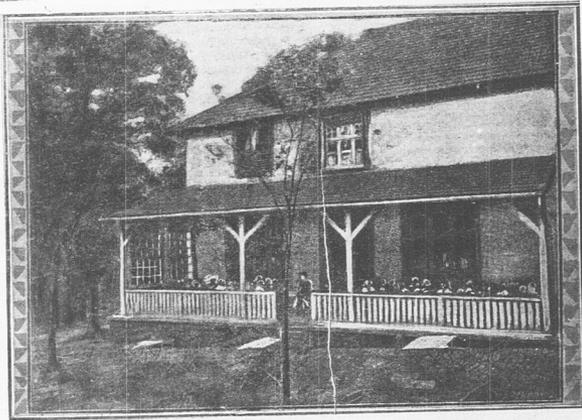
O trabalho do homem é tanto mais productivo, quanto mais cultivada a sua intelligencia! — Horacio Greeley.

Como proteger as crianças fracas?

O problema de hygiene escolar — Como se cura pelo ar —
O funcionamento das escolas — Vestuário e alimentação
— A escola de Dudelange, no Grão Ducado de Luxemburgo.

Em pleno bosque, a dois kilometros da cidade de Dudelange, no Grão-Ducado de Luxemburgo, erguem-se algumas toscas construções de ar, na sua simplicidade, representam, entretanto, uma grande obra social, destinada a ter a maior repercussão em todo o mundo, pelo exemplo que offerecem da defesa relativamente facil de numerosas vidas. É a Escola do bosque de Dudelange, fundada pelos directo-

Arvores altas e frondosas abrigam a escola dos ventos do norte e do oeste. Não é grande a área limitada aos tres edificios, de muros alegres e claros e telhados de ladrilhos vermelhos. A barraca-escola mede 18 x 6 x 4, amplamente ventilada; comprehende vestiário, sala de aula, gabinete para o medico e outro para a professora.



A VARANDA DA ESCOLA DE DUDELANGE, NO LUXEMBURGO. VEEM-SE OS ALUNOS EM UMA CURA DE AR.

res das fundições de aço Burbach, Cliehl e Dudelange (reunidas) com a cooperação intelligente do governo municipal.

Foi inaugurada em maio de 1913 e tem por fim permitir que a criança fraca e doente possa proseguir nos seus estudos, não sómente sem prejudicar a sua saúde, mas, ao contrario, melhorando-a e conselidando-a.

A galeria para a cura de ar, muito espaçosa (17 x 6) contorna um pateo de descanso (14 x 16) e abriga oito lavatorios com agua corrente e quatro de banhos.

O pavilhão de recreio é um grande salão coberto, para servir de refugio nos dias de mão tempo.

A escola ao ar livre funciona na penumbra da floresta.

O mobiliario é simples: mesas e bancos apropriadas aos pequenos alumnos.

Como funciona a escola?

É, naturalmente, um medico o elemento principal da direcção, e é a elle que cabe escolher, entre os alumnos das escolas publicas de tres, quatro, cinco e seis annos de estudos, cujo precario estado de saúde haja sido previamente assignalado pelo medico escolar da localidade, as crianças que devam ser admittidas num total de 42: 21 meninas e 21 meninos.

São crianças tuberculosas, não contagiantes, com bronchites, vegetações adenoidias, ou em estado de desnutrição.

Tem sempre preferencia os mais necessitados.

São admittidos em tres grupos successivos, só os mais debéis, permanecendo todo o tempo de abertura da escola, do começo de maio ao fim de setembro. Em media, a frequencia é de noventa alumnos por anno.

Uma vez admittidos, delles immediatamente se occupa o director medico, que lhes prepara a ficha sanitaria, indica os processos de cura, estabelece os cuidados de hygiene e de cultura physica e determina a alimentação que lhes será fornecida durante a semana.

Tres vezes por semana volta o medico á escola, visitando e examinando os alumnos, na verificação dos resultados obtidos, determinando alterações no regimen conveniente á saúde dos seus pupillos.

A escola ao ar livre está situada na penumbra da floresta. Si as primeiras horas da manhã são nebulosas ou frescas demais, só depois de mais alto o dia se dão as aulas debaixo das arvores.

A escola é dirigida por uma mestra, auxiliada por uma inspectora, que possui o diploma de professora de jardim de infancia.

Despojado de varios ramos accessorios, — o que permite reduzir de 28 a 15 o numero de horas de aula — o programma escolar é o programma offical.

Todas as crianças são reunidas em uma classe mista. Dez minutos de repouso depois de cada classe e uma sesta de duas horas, do almoço ao meio dia, evitam o cansaço.

As horas da manhã são reservadas á instrucção, e as da tarde aos jogos e aos exercicios physicos.

Até agora, os resultados pedagogicos deste ensino succinto são perfectamente satisfactorios, sendo muito raro que, na reabertura das classes municipaes, os alumnos não possam concorrer com os concisipulos, de que se haviam separado em maio.

As crianças commecam cinco vezes por dia, realizando-se as refeições em um terraço do restaurante do parque municipal, que está a 200 metros da escola.

A's 7,45: café com leite e uma rabanada de pão com geleá.

A's 10: leite e pãozinhos.

A's 12: almoço.

A's 16: café com leite e pão com manteiga.

A's 18 1/2: ceia.

Depois da ceia, voltam as crianças para casa de suas familias.

O alimento das crianças é sadio, abundante e variado. O valor nutritivo dos alimentos está calculado, por dia de cura e por criança, em 2.150 calorias, approximadamente, que se obtém de 75 grammas de albumina, 30 grammas de materia gordurosa e 350 grammas de hydratos de carbono.

É uma alimentação racional, capaz de garantir á criança debilitada todos os meios de fortificar a sua saúde.

As mestras presidem a mesa dos alumnos e zelam pela alimentação.

Os exercicios livres de gymnastica respiratoria formam uma parte essencial do programma de cultura physica, sendo executados todos os dias, sob a direcção da mestra e segundo as indicações do medico da escola.

Os momentos de descanso, entre as horas de aula, são aproveitados para exercicios de respiração.

Os cantos coraes, que são um excellente exercicio respiratorio, são cultivados com cuidado e entusiasmo.

As crianças que soffrem de adenopathia ou de affecções cardiacas são submettidas a banhos carbogazosos, adicionados de gases de Kreuznach.

Os outros alumnos vão á ducha.

São habituados, methodicamente, aos banhos de sol, até chegarem á média de duas sessões por dia. Quando o tempo está coberto, o que acontece com frequencia, tomam banhos de ar.

Salvo nos casos de enfermidade intercorrente e aguda, as crianças não tomam medicamentos propriamente ditos. Para combater a anemia, de que soffrem quasi todos os pequenos, acolhidos na escola, apenas si lhes dá, depois das refeições, a agua arsenio-ferruginosa chamada "Durkbimer Maxquell".

Para se estabelecer a ficha sanitaria, os alumnos são medidos e pesados regularmente.

Os resultados ?

São, geralmente, muito satisfactorios, porém diferentes, conforme as enfermidades.

Como se comprehende bem, são as crianças que soffrem de desnutricação as que primeiro melhoram. A alimentação, sadia e abundante, assegura-lhes esse resultado, tendo se verificado, em alguns casos, um augmento de cinco kilos em seis semanas.

Seguem-se, em resultados, os rachiticos, os convalescentes, os affectados de cardiopathia ou de en-

fracqueamento dos pulmões, enquanto que as crianças atacadas de escrofulas, de anemia, cloníca ou de adenopatho-tracheo-bronchial, são as que mais difficilmente apresentam melhoras.

Sob o ponto de vista moral, os resultados são extraordinarios, e facilmente se comprehende que a vigilancia continua e intelligente das mestras, a ideal da vida em commum durante varios mezes, a atmosphera de benevolencia que os cerca, exerçam uma influencia extremadamente benefica para a educação dessas crianças.

A escola do bosque é absolutamente gratuita. A fabrica fez os gastos da sua installação, tendo a municipalidade offerecido o terreno.

A sociedade e a municipalidade reunidas pagam as despesas de custeio, que são, actualmente, de mais ou menos sete francos por dia de tratamento por cabeca.

Comparada aos resultados obtidos, é uma despesa pouco elevada, e não se comprehende como iniciativas semelhantes não se verifiquem com frequencia.

E' este, sem duvida, um dos meios mais racionais, mais fecundos, mais attractantes, para a defeca da infancia.

Que elle se torne conhecido de todos para que possamos esperar a sua realisação entre nós.

(D'O Paiz, do Rio).

O QUE É ESTUDAR

Como se comprehende "a actividade da criança" —

Uma palestra sobre a escola activa e seus resultados.

O professor não é somente o que expõe, ensina e explica; é tambem o que dirige a comprehensão e o estudo do alumno.

PROFERIDA pelo professor Albert Richard, na Universidade de Genebra, uma conferencia inmagistral sobre a "Escola Activa", e publicada na integra na revista "L'E'ducation", n. 2, de novembro do anno passado, della trasladamos para a "Revista do Ensino", em synthese, os conceitos que de mais actualidade se nos afiguram, á vista da nova orientação dada ao ensino entre nós.

"Qual a função da escola e qual o fim visado pelo educador? Como se sabe, educar é empregar todos os meios capazes de auxiliar o desenvolvimento da criança e favorecer o seu crescimento; é conduzir a criança a um estado superior cujo valor se revela por uma aptidão mais completa para a comprehensão o para a acção, capaz de conduzir o ser a um gozo até então desconhecido.

O desenvolvimento da criança só se produz pela actividade, principal, senão unico agente utilizado pelo organismo para seu proprio crescimento. Facilmente se comprehende porque, segundo essa orientação, o educador procura principalmente desenvolver na criança "a actividade". Resta, porém, saber como na criança "a actividade", e quaes os meios para obtê-la ou suscitá-la. A actividade na criança deve ser espontanea, de modo que se lhe possa apresentar um assumpto sem artificios que o tornem attractante, e ella propria o apprehender e mais desde que se obrigue a ella propria a apprehender, a reflectir, a ser activa enfim,

ella propria se interessará por elle e procurará racionalmente, pelo esforço do proprio espirito, o desenvolvimento da intelligencia no que se refira ao assumpto proposto.

Adoptamos o que os americanos chamam o "desejo de viver", ou "o desejo de viver melhor", que é sem duvida a razão da conservação, da transmissao e da melhoria da vida através dos seculos. Taes são os fundamentos sobre que se funda toda a theoria da "escola activa".

O motivo, o ponto de partida da theoria da escola activa, não deve ser procurado no exterior, mas no eu da criança.

O motor de toda acção educadora será, pois, em resumo, o interesse, reconhecido, admitido pelo ser como lhe pertencendo, e fazendo parte d'elle proprio. Entretanto, esta idea de utilização do interesse, que parece nova em pedagogia, é muito antiga, pois foi affirmada e posta em pratica por innumeros pedagogos em seus sistemas de educação, até que Bousseau a traduzisse com toda sua arrebatada e exaggerada eloquencia.

Modernamente se afirma que a evolução do pensamento chegou a seu termo, e que a idea amadurecida durante seculos alcançou seu maximo desenvolvimento, tornando-se verdade reconhecida e aceita. Deante de tal movimento philosophico e pedagogico, qual deveria ser a attitude dos educadores? Atter-

o dominio dos factos, sem se atemorizarem com as desillusões que são o mais das vezes seu sequito forçado.

Como principio da escola antiga, tentar resistir a uma corrente que parece irresistivel? Evidentemente não lhes competia esse papel negativo. Concerberam a nova pedagogia e concluíram que todos os antigos methodos deviam ser completamente reformados, e iniciaram a ingente tarefa de passar a idea nova para a pedagogia primeira do educador é a escola.

A preocupação primeira do educador é a escola, organizando um methodo de coordenar as lições, de agrupar-as, de suscitare e despertar o interesse do alumno; em seguida estudará a capacidade do alumno: para os pequenos deverá recorrer primeiramente a sua actividade manual, quando elle incapazes de um esforço puramente intellectual, que contraria sua natureza e excede seu desenvolvimento. Entre os mais desenvolvidos a actividade manual é apenas uma auxiliar da intellectual, á qual está sujeita.

Assim, a creança que aprende a cantar, reúne os objectos e é observando o resultado do trabalho manual que sua intelligencia apprehende o mechanismo da operação. Ao passo que em um individuo bastante desenvolvido podem as duas actividades, manual e intellectual, agir separadamente, pois nesse caso a primeira torna-se quasi automaticas. Haja vista um operario, uma costureira, etc., que trabalham e conversam simultaneamente, sem que a palestra pertencera ao serviço, ou vice-versa.

Têm sido accusados os partidarios da pedagogia moderna de produzirem uma desorganização total das escolas; é verdade que tem havido exaggeros ridicu-

los, mas os educadores saberão bem supprimi-los: a pratica dos methodos activos não produz absolutamente desorganização das instituições escolares actuaes, mas quaes uma transformação de methodos, do modo de ensinar, de comprehender o estudo. Ella se basea sobre uma nova attitude do professor, que não é mais aquelle que ensina, que expõe, que explica, mas o que dirige a comprehensão e o estudo, procurando despertar no alumno um esforço pessoal.

A escola primaria é só o lugar onde se aprende a aprender, e tambem onde se aprende a agir, e por conseguinte a viver. E' esse o seu segredo. Si penetramos numa escola activa, nos impressionará a verdadeira educação é aquella que se prosegue na alegria: não porque na escola se brinque, mas porque alli se vive. E' a alegria, a grande alegria de viver, aquella que irradia o individuo que sente satisfeito o seu desejo profundo de crescimento e de desenvolvimento.

Acabaram-se as escolas onde os alumnos sempre estavam chorosos e apprehensivos.

A escola moderna deve ser uma fonte inexaurivel de virtude educativa da fidelidade, verdadeira, profunda, que é a realisação da vida, que o alumno possui e sente, embora provavelmente elle proprio o ignore.

A disciplina da escola activa não se baseia na contrafacção e na repressão, não é criada pela actividade, e pelo carinho do mestre, que é amigo, consuetudo da vida ao homem, e que visa conduzir a humanidade a uma esphera mais elevada e melhor.

NOÇÕES DE EDUCAÇÃO PHYSICA

PREENCHEMOS esta columna com varias opiniões de Mestres sobre a Educação Physica, verdadeiras maximas que devemos ter sempre em mente, como guias para o desenvolvimento physico das gerações que se iniciam na vida! Devemos nos basear nestes salustios principios e dar á educação physica o mesmo impulso que vamos dando á educação intellectual.

"Gymnastica é uma parte da medicina, que nos ensina o modo de conservar e restabelecer a saude, por meio do exercicio."

"Uma gymnastica regular, methodica e progressiva além de desenvolver um grande esforço as diversas partes do organismo, com perfeição e accentuada harmonia, torna o individuo ágil, forte, ativo, com a caracteristica de quem possui a consciencia do proprio valor physico."

"Precisamos sanear o Brasil e, ao mesmo tempo, eugensial-o, educando o povo nos sãos principios da hygiene physica e moral."

"A gymnastica é para o alumno um poderoso auxiliar da aprendizagem de todas as instruções."

"Uma das causas da queda do imperio romano foi não poderem os seus soldados, em força physica, equalar os seus antepassados. A mesma razão se pode applicar ás nações modernas."

"La beauté corporelle reconnait la souveraineté de l'ame."

"Uma boa educação physica contribue, em grande parte, para os progressos intellectuaes e para elevar o nivel moral de uma raça."

"Um savant débile est en même temps aussi incomplet qu'un ignorant hercule."

"Chercher à être fort, non pas seulement physiquement, mais moralement, tel est le grand devoir de l'homme envers lui-même, envers sa famille, sa patrie et aussi envers l'humanité."

"Educar o homem é prepara-lo para a vida, desenvolvendo e aperfeiçoando-lhe as facultades."

"A gymnastica é o aperfeiçoamento da nossa natureza material e a salvaguarda da nossa natureza intellectual."

"O corpo e o espirito devem ser objecto da mesma solicitude e o ser humano deve ser desenvolvido todo inteiro."

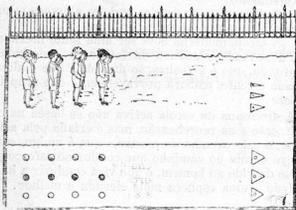
"Mens sana in corpore sano."

"O exercicio gymnastico não somente desenvolve os órgãos, mas tambem as qualidades. Não é só a fibra muscular que se espessa: é o caracter que se enrijia."

Iniciamos hoje nova serie de jogos gymnasticos, "Jogos do Cilindro", cujas vantagens é excusado demonstrar, pois a actividade é uma lei da natureza.

Os cylindros a serem utilizados terão as seguintes dimensões: altura, 5 centimetros; diametro, 3 centimetros.

I — *Material* — dois cylindros para cada partido.



Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas, tendo o primeiro de cada columna um cilindro á mão.

A uma distancia de 10 a 20 metros, traçam-se tantos triangulos quantas sejam as turmas — haverá dentro de cada triangulo 1 cilindro.

Dado o signal, o primeiro menino de cada columna corre, indo trocar o cilindro que levava, pelo que estava no triangulo; de volta deverá entregar-o ao segundo que executará o mesmo trabalho.

E assim se continuará.

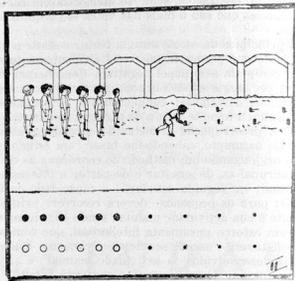
O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor.

II — *Material* — 4 cylindros para cada partido.

Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas. Em frente a cada partido, a igual distancia collocam-se no sólo, 4 cylindros para cada turma.

Dado o signal, o primeiro alumno de cada partido corre, apanha o primeiro cilindro, entrega-o ao segundo de sua turma, volta a apanhar o segundo cilindro e entrega-o ao mesmo jogador. Fará o mesmo com os demais cylindros.

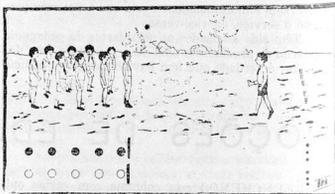
Depois de receber os 4 cylindros, o segundo jogador irá collocar-nos nos logares em que se encontravam. O 3.º jogador executará o mesmo trabalho que o primeiro.



E assim se continuará.

O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor.

III — *Material* — Tres cylindros para cada partido.



Regra — De um lado do pateo collocam-se os alumnos em columnas. Em frente a cada partido, haverá 3 cylindros dispostos em linha recta. Do lado opposto, a uma distancia de 10 a 20 metros, traçam-se tantas rectas paralellas ás primeiras, quantas sejam as turmas.

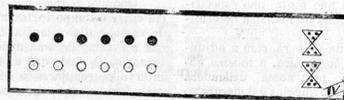
Dado o signal, o primeiro alumno de cada partido apanha um cilindro, corre, indo collocar-o na linha do lado opposto; volta a apanhar o segundo cilindro, fazendo o mesmo com este e com o terceiro.

Transportados os 3 cylindros para o lado opposto, o primeiro jogador corre, bate na mão do 2.º, que transportará os cylindros, um a um, para a linha em que se encontravam.

E assim se continuará.

O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor.

IV — *Material* — Tres cylindros para cada partido.



Regra — De um lado do pateo collocam-se os alumnos em columnas. Em frente a cada partido, traçam-se no solo dois triangulos, obedecendo á orientação do graphico. Ao ser iniciado o jogo, os tres cylindros devem estar collocados dentro de um dos triangulos.

Dado o signal, o primeiro alumno de cada partido corre a mudar os cylindros, um de cada vez, de

um triangulo para outro; corre, bate na mão do segundo, que mudará os cylindros, um a um, para os logares onde se achavam.

E assim se continuará até que todos tenham feito esse trabalho.

Será vencedor o partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores.

(*Continúa*)

O CANTO NAS ESCOLAS

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

III

O OUVIDO

NA realização dos côros infantis pelo processo auditivo, o que mais importa, sem duvida, é a attenção que se deva dispensar ao ouvido.

Já vimos como, desde o berço, pôde essa faculdade ser beneficiada por uma intelligente orientação materna; vejamos agora o que cumpre fazer, chegada a creança á escola.

1.º — A escolha do repertorio

Os cantos destinados a uma classe primaria devem certamente obedecer a um conjunto de condições ou requisitos indispensaveis, na musica como na poesia. (*)

Assim:

a) A musica deve ser, a principio, singela e curta, facil de guardar, para desenvolver o sentido da imitação dos sons e a memoria dos sons.

Desse modo, prender-se-á tambem mais facilmente o interesse, a vontade de cantar.

b) Deve ser agradável, sensível, pois a musica que não delicia o ouvido, que não *canta*, não offerece o indispensavel attractivo.

Os pensamentos musicas que fallam mais ao espirito, as melodias pouco accessiveis, que dependem de estudo ou cultura para ser comprehendidos, evidentemente não se prestam a uma classe de canto infantil.

(*) Todas as condições ou requisitos que aqui vamos enumerar, foram quanto possivel attendidos tanto no Cancioneiro como no Hymnario Escolar ha pouco editados para as escolas.

c) Deve ser distribuida de accordo com a idade e a capacidade dos alumnos, por fórma a cultivar progressivamente a affeição pela arte.

Começa-se por ensinar pequenas canções, muito simples, e, á proporção que o ouvido das creanças fór se tornando mais sensível ás belezas musicas, vae-se passando ao exercicio de melodias de maior desenvolvimento.

Faremos essa distribuição opportunamente, tomando por base o Cancioneiro e o Hymnario Escolar.

d) Deve interpretar convenientemente o sentido do texto, pois, irmãs que, a poesia e a musica não de auxillar-se mutuamente, ajustando-se e completando-se pela expressão e pelo sentimento.

A expressão musical não pôde, é certo, ser precisa e exacta como o pensamento poetico. A linguagem musical é vaga, indeterminada; sua acção descriptiva, como diz Marmontel (*) limita-se a um numero restricto de movimentos conhecidos: marchas, árias de dança, canções populares, cantos nacionaes. Como distinguir, por exemplo, sómente pela musica, as tempestades da alma, do surdo rugir de uma tormenta? o socego ou a tranqüillidade de espirito, da quietude do sono? o murmúrio do regato, do sussurro da folhagem? O poeta, entretanto, pinta e exprime com exactidão todas essas modalidades. O fervor religioso, a piedade filial, o culto á natureza, o ardor patriótico, tudo isso pôde a poesia traduzir por fórmas diversas. A musica, não tendo a mesma precisão da linguagem, não dará sempre uma idéa vaga, de conjunto, das variações do mesmo sentimento. Será triste, suave, dolente, vigorosa,

(*) Marmontel — *Esthétique musicale*.

Ainda uma observação.

Diz-se, em geral, que a música que se ha de dar ás creanças deve ser alegre, viva e movimentada, pava assim reinar sempre entre ellas o prazer e o contentamento.

Esse, sem duvida, é o objectivo; mas, como bem pondera illustre professor (*), no que estamos de pleno accordo, tal orientação não convem ser tomada muito ao pé da letra.

A natureza se oppõe a que se guie sempre o menino pelo caminho unico da alegria. Isso o levaria a ter uma idéa errônea das cousas da vida. A natureza estabeleceu o dia e a noite, o bem e o mal, a juventude e a velhice, o branco e o preto; todo o equilibrio do universo e tudo quanto se refere á vida descança sobre pontos diametralmente oppostos, pontos que não podem existir si um dos dois faltarem. Ao menino se deve apontar o bem, para que o pratique, e o mal, para delle fugir. O menino não deve soffrir, mas não deve ignorar que a verdadeira Felicidade se consegue principalmente procurando o bem-estar e a alegria do proximo.

Que a creança precisa amar a alegria, ninguém o contesta. Que ella não deve estar triste, outra verdade. Quer isso dizer, que quando vemos uma creança constrangida, tristonha, devemos procurar a causa de sua tristeza e proporcionar-lhe a alegria natural; mas, evitar as emoções, quando estas lhe trazem lições salutareas, seria um erro. Fazer que o menino recorde o passado, que elle pense e reflecta deante daquillo que lhe desvende a sua propria debilidade, elevar-lhe, enfim, o espirito, é obra santa. Não são acaso saturados de tristeza a maioria dos contos que encerra o *Coração*, de De Amicis? e não são elles salutareos?

Tendo, pois, presente que, por musica triste não se entende a musica fúnebre, mas a sentimental, suave, harmoniosa, é evidente que se não deve proscriver de um repertorio escolar a musica triste.

Si a musica alegre, feita de movimentos rapidos, de phrases brilhantes, sonôras e danteses, retempe-

ra o espirito, renova o sangue, faz amar a vida e o trabalho, anima a escola; a musica triste, no sentido em que a tomamos, toca o coração, faz amar o proximo, corrige os costumes, provoca o raciocinio, educa.

Uma como outra devem, portanto, fazer parte, com vantagem, de um programma de educação infantil.

E' interessante a estatistica que nesse sentido colheu o professor a que nos referimos, em algumas escolas argentinas.

Responderam que preferiam a musica alegre, 1.221 creanças; que preferiam a musica triste, 1.014. Outros disseram: "*Me gusta la musica alegre, pero prefiero la triste*", ou então: "*Me agrada la triste, sin embargo me divierte más la musica alegre*". Ainda um grande numero se pronunciou pelos dois generos.

Uma outra observação, já que tratamos de um repertorio de cantos escolares, é que não se deve dar aos meninos apenas cantos que se relacionem com a escola, pois o que é da escola acaba na escola.

Os alumnos de um estabelecimento de educação precisam aprender tambem canções e hymnos que, mesmo fóra de uma classe escolar, offereçam em qualquer parte e em qualquer tempo, vantagens e attractivos varios.

Os cantos aprendidos nos bancos escolares são companheiros inseparaveis do homem nas labutas diarias da sua vida de responsabilidade; são o seu doce amigo nas horas de tristeza e de nostalgia, a força instantane nas commemorações civicas, o consolo regenerador nos transeos por ventura amargurados.

O Hymno Nacional, por exemplo, é um poderoso gerador do amor da patria; a marcha, qualquer que ella seja, dá sempre idéa do soldado, no qual os meninos vêem a encarnação do seu paiz; o canto ao trabalho encoraja e estimula para a vida activa e esforçada do campo; enfim, pelas emoções duradouras e affectivas que os cantos aprendidos na infancia deixam na alma, todos esses cantos são summamente e sempre beneficos e devem acompanhar o homem por toda sua existencia.

(Continúa).

LENDA DAS AMAZONAS

HELENA JUNQUEIRA LOUREIRO

(DO GRUPO ESCOLAR DE CHRISTINA)

NAS terras brasílicas, que ficam no equador, habitavam, outr'ora, as amazonas.

Eram altas e brancas, de longas e negras madeixas, que usavam enroladas em torno das cabeças orgulhosas.

Pelos indigenas eram chamadas «icamiabs», que quer dizer—mulheres sem maridos—, pelo facto de serem os homens inexoravelmente excluidos dos seus lares.

Varias tribus selvícolas guardavam-lhe o territorio, banhado pelo rio gigante, onde desabrocha a flor immensa que serve de abrigo aos jacarés.

Entre as serrianas virentes e floridas construiam as ocas e de muralhas circumdavam as suas tabas.

Si algum audacioso, olvidando-se das leis vigentes, allí penetrava, crivavam-lhe o corpo de setas embebidas de «curare» e davam-no ás aves de rapina.

A' frente dos vassallos combatiam as tribus inimigas e, impiedosamente, matavam os subditos imbelles que, medrosos da guerra, tentavam fugir.

Semi-núas vogavam as amazonas nas leves pirogas á flor das aguas mansas do rio colosso, em busca das lindas garças ariscas que lhes forneciam as lindas penas para os cocores.

E quando o ipé começava a cobrir-se com as suas flores de ouro, lá iam ellas, as valentes guerreiras, em romaria, ao lago de «Yacinaruá» ou Espelho da Lua.

Eram filhas de Yacy, a lua, a quem prestavam elevado culto.

Cantando, seguiam as invias veredas que iam ter ao lago sagrado, onde a lua se mirava, não longe da foz do Jamundá, o afluente do grande rio.

Como offendida á deusa querida, protectora dos bosques e campinas, levavam resinas perfumadas, a deliciosa essencia do molongó e o oleo aromalissimo do umiry.

E queimavam um galho de sassafráz para que fosse, em espiraes, o fumo que d'elle se desprendesse, o mensageiro das oblações que faziam á Yacy.

A' beira do lago, olhos fitos na lua e braços alçados em sua direcção, deixavam dos corações amantes evolir-se para o infinito do espaço as preces ardentes que os labios repetiam:

«Yacy bella, mãe querida, deixa descer sobre nós os suaves effluvios dos raios teus; illumina as nossas intelligencias, ó mãe, para que sempre saibamos tratar os homens como vis escravos.»

«Yacy formosa, linda Yacy, o peito direito supprimos para não servir de embaraço ao manejar da fle-

xa que mata o inimigo; o esquerdo, intacto conservamos, porque é guarda do coração que te ama.»

«Yacy pura, Yacy divina, perdôa as nossas faltas para que livres do mal, possamos entrar nas aguas limpidas, purificadas pela imagem tua.»

—E ao reflexo da lua, no liquido espelho, atiravam-se ao lago e de Yacy recebiam, por intermedio de Yara, a seréa que habitava no fundo dos rios, umas pedras verdes, preciosos talismans, aos quaes davam fórmias varias, consoante o capricho de cada uma.

Quando a Primavera vinha, em profusão, derramava as aromas seus pelo ambiente, embriagando os gentis cantores das selvas que aos pares construiam novos ninhos, quando as mattas se envolviam em grandes mantos de flores e a terra toda se desfazia num sorriso verde claro, quando sobre os leques susurrantes das palmeiras soavam as afinadissimas flautas dos sabiás, as amazonas admittiam em suas terras os valentes guerreiros guarcaris e com elles, em festas ruidosas, rendiam novos preitos á querida Yacy.

Ao encontro dos guacarís, annunciados pelos sons dos borés e das inubias, quaes emas velozes, corriam ellas e ao aportar des igras, em signal de paz, depunham as armas as valentes guerreiras, céleres, saltando sobre as leves pirogas e rapidas fugiam levando as rédes dos hospedes.

Cada guerreiro, segundo a sorte, era hospedado na oca onde encontrava a sua réde.

Reunidos todos, elles e elles, embriagavam-se com o «canim» e davam inicio ás dansas selvagens, a «puracés».

Finda a puracé, sorviam o pó subtil do «paricá», que tem a virtude de fazer sonhar.

E sonhavam os gnacarín numa perpetua alliança com as bellas amazonas; e as amazonas sonhavam que Yacy viera á terra affirm de gtuál-as de conquista em conquista, até que fossem subjugadas todas as tribus guerreiras dos arredores...

E, após estas, outras e mais outras e muitas outras...

—Depois da festa da Primavera, saudosos regressavam os guacarís, levando, das amazonas, como lembrança querida, ás pedras verdes do lago santo, onde a lua se reflecte.

E, orgulhosos, ostentavam os preciosos talismans, pendor de ephimera sympathia das soberbas amazonas.

(*) Clemente Greppi — *La música y los niños*.

AS LIÇÕES DE GEOGRAPHIA PELO PROCESSO DE DRAMATISAÇÃO

O ESTADO DE S. PAULO

CATHARINA SILVEIRA

DIRECTORA DO GRUPO DE JAPÃO



JARDIM DA INFANCIA «MARIANO PROCOPIO» EM JUIZ DE FORA. — FESTA DA BONECA NA VILLA D. «MARIA HELENA» NO DIA 3 DE MARÇO DE 1926.

Geras?! Somos todos, aqui, mineiros de nascimento e de coração!...

Paulo — Bravo! Apoiado!

Adhemar — Minas, pela sua população, pela fertilidade de seu sóio, pelas suas riquezas, pelo seu desenvolvimento, pelo patriotismo, labôr e honestidade de seus habitantes, deve occupar o primeiro plano dentro os Estados do Brasil!

Esther — E' tudo isso verdade; mas devo lembrar-lhes que a nossa lição versa sobre o Estado de São Paulo...

Lila — Vamos, portanto, ao mappa e iniciemos o nosso trabalho.

Esther — São Paulo está situado ao Sudéste do Brasil.

Enóe — Limita-se ao Norte com os Estados de Minas e Rio de Janeiro.

Luiz — A Léste é banhado pelo Oceano Atlantico, sendo, portanto, um Estado marítimo.

Odette — Ao Sul limita-se com Paraná, e a Oéste com Matto Grosso.

Aracy — São Paulo possui extensas campinas e valles.

Pedrinho — E' por isso que a agricultura e a criação de gado ahi se desenvolvem.

Esther — E' montanhoso: a Serra da Mantiqueira o separa de Minas, formando o Pico de Itatiaia, um dos mais altos do Brasil.

José — Sabem quaes são as produções de São Paulo?

Lila — Eu não as ignoro!

Decio — Vou dizer-lhes todas: café, algodão, cereaes, assucar, fumo, madeiras de construção, farinha de mandioca e fructas.

Odette — São saborosissimos as bananas e os abacaxis de São Paulo!

Aracy — Odette nunca se esquece das fructas! E' apreciadora das gulodices!...

Odette — Certamente. Quem não gostá de fructas?

LILA — Hoje vamos estudar um dos Estados mais importantes da Federação Brasileira.

Enóe — Qual é esse Estado, Lila?

Lila — E' o Estado de S. Paulo.

Aracy — Eu o aprecio muito; sabem porque?

Pedronho — Eu sei, e vou contar-lhes: é o Estado habitado por uma raça forte, corajosa, intrepida e adeantada.

Luiz — Tens razão: os paulistas deram, na nossa Historia, os mais extraordinarios exemplos de intrepidez, patriotismo e valor!

Esther, foram os primeiros Bandeirante que desbravaram os nossos sertões.

Lila — A elles se devem, em grande parte, o conhecimento e o povoamento do nosso territorio.

Aracy — Muito bem!

Decio — Quando se fala em bandeirantes paulistas, lembro-me logo do mais importante e mais heroico de todos elles.

Pedrinho — Sim; não se pôde olvidar o nome de Fernão Dias Paes Leme — "O Descobridor das Esmeraldas".

Wilson — Perfeitamente. Paes Leme é digno da nossa veneração. Foi elle quem fundou os primeiros arraiais neste territorio, que é hoje o nosso glorioso Estado de Minas Geraes!

Adhemar — Territorio abençoado, em cujas serras, em cujos rios o ouro e as pedras preciosas abundavam, atraindo os ambiciosos de todo o mundo!

Lila — Terra admiravel, que continúa a attrahir não só os ambiciosos, mas os que desejam viver honrada, laboriosa, tranquilla e fartamente!

Pedrinho — Que entusiasmo, Lila?! Pareceis uma oradora, quando falas assim!...

Decio — Certamente; é porque ella discorre sobre a nossa gloriosa terra de Minas, estrella auri-fulgente da Federação Brasileira, coração do Paiz, joia desta natureza!

Wilson — Muito bem! Qual de nós não terá orgulho, qual de nós não sentirá estremecer e pulsar o coração de entusiasmo, ao falar no Estado de Minas

Helio — Ha, em S. Paulo, jazidas de ferro, marmores, carvão de pedra, ouro, prata, petroleo, pedras preciosas.

Lucia — Em Ribeirão Preto ha grande usina de ferro.

Lauro — Em São Paulo cria-se muito gado vacum, principalmente da raça caracú.

Aracy — Estão vendo aqui a Capital de S. Paulo? E' a cidade do mesmo nome, com 600.000 habitantes, o maior centro ferroviario do Brasil.

Esther — São Paulo tem magnificos edificios, a melhor imprensa do Brasil, a maior e a mais bella estação da America do Sul.

Luiz — Papae tem, em casa, a vista da estação a que te referes — "Estação da Luz".

Helio — Pretendo, por occasião das ferias, visitar a essa cidade.

Decio — Invejo-te, Helio; vaes conhecer a segunda cidade do Paiz.

Lila — Não deixes de chegar a Sorocaba, importante cidade, donde rompeu a Revolução de 42.

Decio — E' o maior centro de algodão desse Estado.

Pedrinho — Santos é importante cidade; tem 80.000 habitantes.

Lila — E' a patria de José Bonifacio, o patriarcha da Independencia do Brasil.

Esther — E' o centro de maior exportação de café, em todo o mundo.

José — Ha, em São Paulo, duas cidades importantes na nossa Historia, porque foram fundadas por Martim Affonso, primeiro donatario da Capitania.

Aracy — São as cidades de São Vicente e Itanhaen.

Lucia — Tenho uma tia que mora em Campinas, a segunda cidade do Estado, a terra de Carlos Gomes, o grande musicista brasileiro.

Decio — O auctor do celebre "Guanary".

Lauro — Outras cidades são dignas de nota: Ribeirão Preto, Barretos, Piracicaba, Lorena, Botucatu.

Lila — A população de São Paulo é de 5.000.000 de habitantes.

Esther — Os seus habitantes são, em grande numero, estrangeiros.

RÉVISTA DO ENSINO

Aracy — Sim; ha muitas colonias italianas, allemãs. . .

Esther — Luiz, és capaz de me dizer alguma coisa sobre a industria paulista?

Luiz — Pois não; com todo o prazer.

A industria manufactureira de S. Paulo só é inferior á do Districto Federal. Ha grandes fabricas de brinquedos, velas, cigarros, chapéos, calçados, tecidos, bebidas, meias, conservas. Direi, tambem, á Odette, que é sempre apreciadora dos doces, — que ha fabricas de excellentes doces, biscoitos, bolachas e balas.

Odette — Somos todos amigos dos doces! . . .

Lauro — O commercio de São Paulo é consideravel.

Esther — Só a exportação de café, dá-lhe, annualmente, milhares de contos.

Lila — São Paulo é o maior centro ferroviario do Brasil.

Decio — As estradas de ferro de S. Paulo são, contestavelmente, as melhores do Paiz.

Aracy — Explique-me, Pedrinho, quaes são as estradas de ferro paulistas.

Ha muito tempo estás calado!

Pedrinho — Vocês não se calam; como hei de falar?!

Aracy — Executemol-o.

Pedrinho — As Estradas de Ferro de São Paulo são: a E. F. Ingleza, a Noroeste do Brasil, a Central do Brasil, a Ituana, a S. Paulo a Goyaz, a S. Paulo ao Rio Grande do Sul, a Sorocabana.

Lila — Uma parte da Sorocabana vae ser electrificada.

Aracy — Estou satisfeita. Faie, agora, o Decio. Decio — Conheço, tambem, as Estradas de Ferro Paulista e a Mogyana — tendo, quasi todas, muitos ramaes.

Esther — Haverá em S. Paulo rios navegaveis?

Odette — Sem duvida. O Tieté, o Ribeira, o Piracicaba são navegaveis.

Aracy — E os afluentes do Ribeira tambem o são.

Lila — Para eu ir de S. Paulo á França, não iria nem por estrada de ferro nem pela navegação desses rios. . .

Lucia — Certamente. Terias que fazer uma viagem no Oceano Atlantico.

Decio — Era necessario que viajasses em um vapor do Lloyd Brasileiro ou do Lloyd Nacional, que tem a sua sede em São Paulo.

Lila — Hoje não ha tempo para mais. Termine-mos a nossa lição. •